ATO escola de psicanálise

Revista da ATO – escola de psicanálise | Belo Horizonte
Inibição, sintoma, angústia: função de nominação
Ano II n.1 | pp. 1 - 124 | 2016
ISSN: 23594063

função de nominação

Revista da ATO – escola de psicanálise | Belo Horizonte
Inibição, sintoma, angústia: função de nominação
Ano II n.1 | pp. 1 - 203 | 2016
ISSN: 23594063

Copyright © 2016 *by* ATO – escola de psicanálise

Comissão da Revista

Margareth Almeida Khattar
Maria Aparecida Oliveira do Nascimento
Sirlene Vieira da Cruz

Conselho Editorial

Ana Maria Fabrino Favato
Maria Augusta Friche
Marília Pires Botelho
Viviane Gambogi Cardoso

Inibição, sintoma, angústia: função de nominação / Revista da ATO – escola de psicanálise. – Ano II, n.1, 2016. - Belo Horizonte, 2016-

v.
Anual
Inclui bibliografia.
ISSN: 23594063

1. Periódicos. 2. Psicanálise – Periódicos. I. ATO - escola de psicanálise.

CDD: 157.25
CDU: 616.891.6

Editoração eletrônica, produção gráfica Júnior Sena
Capa, site Andrea Silveira
Revisão Geraldo Silvério Filho

ATO escola de psicanálise

Rua Domingos Vieira, 587 | sala 1113 | Santa Efigênia
CEP: 30150-240 | Belo Horizonte | MG | Tel: (31) 3241.1255
www.atoescoladepsicanalise.com.br | ato@atoescoladepsicanalise.com.br

EDITORIAL

Inibição, Sintoma, Angústia: função de nominação foi o tema que norteou o trabalho na ATO - escola de psicanálise no ano de 2014 e que também nomeia mais uma edição da revista da escola.

Lacan parte da tríade freudiana, inibição, sintoma e angústia, articulando aos registros Imaginário, Simbólico e Real, que compõem o nó borromeano, indicando que cada um dos três registros são os primeiros nomes que enodam a estrutura do ser falante.

Nominação é definida por Lacan como uma função de enodamento, o nó se faz com nomes, com nominações. Propõe que os nomes que constituem a estrutura do ser falante sejam inibição, sintoma e angústia e apresenta as três formas de nominações sendo a Inibição nominação do Imaginário; o Sintoma, a nominação do Simbólico e a Angústia, a nominação do Real.

"O que implica que a psicanálise opere? O trabalho do inconsciente enoda inibição, sintoma e angústia, implicados no dizer do analisante; 'A inibição é a expressão de uma restrição da função do eu e tem como uma das causas a ação do supereu' (Freud); A inibição faz

parte da estruturação do sujeito; O simbólico comporta um furo, por isso não diz tudo; O desejo de dormir pode ser inibido pela angústia veiculada pelo sonho; Articulação do nome próprio e o traço unário na constituição do sujeito; A nominação é a única coisa de que estejamos certos de fazer buraco; A nominação vai além, tem a ver com um ultrapassamento; A nominação advinda do passe e o Nome-do-Pai no nó trazem um ponto de real a ser transmitido para além do nome próprio; Franz Kafka é o escritor que talvez testemunhe de modo mais lúcido e pungente a falta que faz o pai desde o excesso de *Urvater* que sofreu."

Estes são fragmentos dos escritos que compõem esta edição. Os textos foram articulados em quatro seções – inibição, sintoma, angústia e nominação e são produto do trabalho dos membros, da interlocução com outras escolas, com nossos pares em cartéis, seminários e jornadas.

Convidamo-lo a transitar por esse percurso arduamente construído por todos e cada um dos autores e pela escola em sua proposta para com a causa psicanalítica.

Sumário

Inibição, sintoma, angústia: função de nominação

INIBIÇÃO

A gênese do supereu
Luiza Lerman Chaimowicz 9

Inibição: assunto de corpo
Labibe Geralda Gil Alcon Mendes 15

Inibição: nominação imaginária
Marília Pires Botelho 25

SINTOMA / SINTHOMA

Sinthoma
Marisa G. Cunha Martins 35

ANGÚSTIA

Notas freudianas sobre o desejo de dormir, o desejo de sonhar e a angústia
Raul Macedo Ribeiro 49

As errâncias de Franz Kafka
Barbara Guatimosim 59

FUNÇÃO DE NOMINAÇÃO

Procura-se um nome
Rosana Scarponi Pinto 71

Traço que desenha a experiência psicanalítica
Ana Maria Fabrino Favato 79

Nominação como efeito do pai real
Viviane Gambogi Cardoso 87

Nominação e o Nome-do-Pai
Rosangela Gazzi Macedo. 95

Por um triz
Maria Luiza Bassi 103

Nó e letra
Sergio Becker 111

INIBIÇÃO

A gênese do supereu[1]

Luiza Lerman Chaimowicz[2]

Sumário: As reflexões de Freud sobre o supereu percorrem toda sua obra, e a sua experiência clínica aponta a presença dessa instância em diversas formas da doença psíquica. O presente trabalho pretende abordar o tema em sua gênese.

Palavras –chave: Inibição; supereu; ideal do eu; consciência moral.

A participação no Cartel "Inibição" teve como efeito o desejo de realizar o presente trabalho. Sempre me senti instigada pelo tema, e decidi explorá-lo. Trago hoje um fragmento de uma pesquisa preliminar, um recorte em Freud sobre o SUPEREU.

Além de um atravessamento pessoal, constato que o supereu constitui um ponto de passagem obrigatório para todo trabalho clínico. *"A inibição é a expressão de uma restrição na função do eu e tem como uma das causas a* ação do supereu*"*. (FREUD, 1925, p. 93). Não há conflito entre

1 Trabalho apresentado no Encontro de Carteis 2015, da ATO escola de psicanálise

2 Psicanalista e Membro da ATO - escola de psicanálise

o eu e o isso, nem entre o eu com o mundo externo em que o supereu não esteja envolvido. É nessa relação estrutural que o supereu é constituído; relação que é estabelecida na dependência com o OUTRO e suas vicissitudes.

Dessa forma se inscreve a história do sujeito, seu desenvolvimento individual e sua inserção na cultura, no processo civilizatório.

Ao longo de quase trinta anos, o supereu aparece como centro das reflexões freudianas, de forma incessante, tanto na teoria como na prática. Essa instância deverá ser levada em conta em todas as formas de doença psíquica.

Preliminarmente, podemos entender o supereu como a instância psíquica cujo papel é de julgar o eu, como um juiz, um censor.

Freud em "Novas Conferências Introdutórias sobre a psicanálise" exemplifica descrevendo assim a atuação do supereu:

> Quis fazer um ato capaz de me satisfazer, mas renunciei a ele, devido à oposição de minha consciência. (...) Cedi a um grande desejo e, por sentir uma grande alegria, cometi um ato que minha consciência reprova. Uma vez realizado o ato, minha consciência provoca, com suas censuras, o arrependimento. (FREUD, 1933, pag.65)

O supereu, com a sua censura, inibe nossos atos, provoca remorsos e sentimento de culpa. É a instância judiciária de nosso psiquismo. Está no centro da questão moral.

O supereu age ora fazendo parte do eu, ora separando-se dele. Nos delírios de observação isso se torna nítido. Os doentes ouvem vozes comentando seus atos com se estivessem sendo perseguidos para serem surpreendidos e punidos. Há aqui uma clivagem. O supereu está distintamente separado do eu, fazendo parte de uma realidade externa. O sujeito toma a si próprio como objeto. O supereu pode, porém, encontrar-se no interior e pertencer à própria estrutura do eu: *"Instância que, no meu eu, julga-me e me pune com reprovações penosas que é chamada de CONSCIÊNCIA MORAL: a voz de minha consciência que me faz sentir arrependido do meu ato*". (CHEMAMA, 1993, p. 210).

É essa instância que pode ser reconhecida como entidade separada, que Freud chama supereu. Independente, ela pode tratar o eu com extrema crueldade.

O que diferencia essa concepção de Freud sobre consciência moral dos filósofos clássicos é que, para Freud, essa censura pode operar de forma inconsciente.

Freud institui o supereu quando cria a segunda tópica do aparelho psíquico e faz uma nova descrição da anatomia da mente.

Vejamos como foi o surgimento do conceito de supereu em Freud. Em seu artigo sobre o Narcisismo, Freud introduz o conceito de "ideal do eu" e do agente auto- observador, o qual observa constantemente o eu real

comparando-o e criticando-o, medindo-o por um ideal. Esse conceito que constituiu a base do que mais tarde veio a ser descrito como supereu.

> O que vem primeiro, então, é o eu ideal, na medida em que ele é o destinatário do amor-próprio, da autoestima de que o eu real gozava na infância. O homem não quer prescindir da perfeição narcísica de sua infância, não pode renunciar a satisfação que desfrutou outrora. Procura readquiri-la sob a nova forma do ideal do eu. O que projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância: nessa época ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1914, p.100).

Freud introduz, então, uma instância que garante essa satisfação narcísica, que provém do ideal do eu, que observa incessantemente o eu atual, comparando-o com o ideal. Essa instância semelhante à que já tinha sido reconhecida no passado sob a forma de "consciência moral".

Ao longo de sua obra, Freud vai articulando o supereu em suas múltiplas facetas: desde o surgimento do desamparo e a dependência infantil, depois, como herdeiro do complexo de Édipo, com a identificação que inscreve na psique as marcas das relações objetais e com sentimento de culpa. Este, considerado por Freud como mais importante problema da civilização. Inúmeros são os conceitos que se entrelaçam com o supereu na trama freudiana. Merecem ser cuidadosamente estudados. Essa é a proposta.

Abstract: The reflections of Freud about the super-ego run throughout all of his work, and his clinical experience indicate the presence of this instance on several ways of the psychical disease. The present work aims to analyze the theme in its genesis.

Keywords: Inibition; super-ego; ego ideal; moral conscience.

Referências bibliográficas

CHEMAMA, R. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Vol. XIV. Rio Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Vol. XIX. Rio Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Inibição, Sintoma e Ansiedade (1926). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Vol. XX. Rio Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Mal Estar na Civilização (1930). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Vol. XXI. Rio Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise (1933). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Vol. XXII. Rio Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise (1940) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Vol. XXIII. Rio Janeiro: Imago, 1996.

KAUFMANN, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Inibição: assunto de corpo

Labibe Geralda Gil Alcon Mendes[1]

Sumário: No presente artigo, a autora diferencia a inibição do sintoma, define e especifica as condições do seu surgimento, localiza no gráfico proposto por Lacan no Seminário X a inibição em função do movimento e da dificuldade, e finaliza abordando a relação da inibição com a neurose obsessiva.

Palavras chave: Inibição, sintoma, neurose obsessiva.

Em 1926, ao escrever o artigo Inibição, sintoma e angústia, Freud dedica um curto capítulo à inibição. No início desse texto, Freud estabelece: uma inibição não é necessariamente patológica, mas o sintoma sempre o é, contudo, a inibição pode chegar a um grau no qual ela se torna sintoma. O que diferencia a inibição do sintoma? Ambos têm a função de evitar a angústia, porém, utilizam mecanismos distintos para isso. O sintoma implica o recalque para proteger o sujeito da angústia e opera a partir

1 Psicóloga. Psicanalista. Membro da ATO - escola de psicanálise.

de uma substituição significante, que por sua vez, tem um efeito metafórico.

Enquanto a inibição é produto de um recalque antigo que não chama a um novo recalque.

Freud define a inibição como uma restrição da função do eu. Lacan em 1974, no Seminário RSI, complementa dizendo que *"inibição é um assunto de corpo, isto é, da função de um corpo que se detém por imiscuir-se em um buraco do simbólico"* (Lacan, Seminário RSI).

Segundo Freud, as inibições são restrições das funções do eu e podem surgir sob duas condições: - como medida de precaução - ou como resultado de um empobrecimento de energia. De acordo com essas condições, Freud vai falar de inibições específicas e gerais. As específicas funcionam como medida de precaução. A função do eu de um órgão fica alterada quando adquire uma significação sexual, que tem como efeito um aumento de sua erotização. Freud exemplifica: o ato de escrever pode ganhar uma significação sexual e a partir daí, o eu renuncia a essa função (de escrever) evitando a angústia que acarretaria um novo recalque. Na neurose obsessiva muitos de seus atos vêm a ser medidas de precaução e de segurança contra experiências sexuais. As inibições gerais funcionam de acordo com a segunda condição, que diz de um empobrecimento de energia (é o caso do luto e dos sintomas). O eu fica absorvido em um trabalho psíquico

que exige um alto investimento libidinal, o que o obriga a restringir gastos em muitos lugares.

Na primeira lição do Seminário X, A angústia, Lacan coloca a inibição, o sintoma e a angústia dispostos em função de dois eixos, o do movimento e o da dificuldade. O eixo vertical se define a partir da relação do movimento com a inibição e o horizontal a partir da dificuldade com a inibição. Em relação a esses dois eixos, a inibição encontra-se no ponto de menor dificuldade e de menor movimento. No eixo da dificuldade localizamos o sujeito e no do movimento o eu. O sujeito se situa no campo do simbólico e o eu é uma construção imaginária. É na relação do imaginário com o simbólico que a inibição se dá. Gilda Vaz Rodrigues escreve: *"A inibição pode ser pensada também pelo viés do eu ideal, ou seja, daquele que se mira numa imagem ideal de seu Eu, e por isso, permanece inibido em seu ato, não podendo agir por nunca corresponder a esse ideal"* (Rodrigues, 2013 p. 34).

Para Lacan, a Inibição promove uma captura narcisista, imaginária do desejo com a finalidade de barrar a emergência do objeto *a* diante da pergunta Che vuoi? O que o Outro quer de mim? Esta captura imaginária tem como finalidade obturar a inconsistência do Outro (castração) que suscita a angústia. Aquilo que coloca o sujeito em movimento é justamente a falta de alguma coisa na imagem. Porém, quando o sujeito se identifica

com a imagem é porque o sujeito recua diante da castração (simbólico) e cai na armadilha imaginária. Nos quadros de inibição presenciamos a estagnação do desejo.

Inibição e neurose obsessiva.

Fragmento clínico:

"Ontem, me perguntaram sobre o meu desejo. Acho que o desejo não é importante, ele não conta. A analista diz: e o que você conta? O que interessa nessa coisa de desejo é o seguinte: aquilo que escolho vai me trazer benefícios ou não? As minhas escolhas só acontecem depois que meço os riscos. É assim que funciono."

Lacan afirma: *"O obsessivo, digamos, tal como a histérica, necessita de um desejo insatisfeito, isto é, de um desejo para além de uma demanda. O obsessivo resolve a questão do esvaecimento de seu desejo fazendo dele um desejo proibido. Faz com que ele seja sustentado pelo Outro, precisamente pela proibição do Outro. (...) A proibição está ali para sustentar o desejo, mas, para que ele se sustente é necessário que ele se apresente (Lacan, 1967-68, p. 427, 428)".*

(fragmento clínico)

"...as vezes, escuto de alguém da família que sou obstinada. Aí eu completo, sou obstinada, sou o burro de carga da casa, carrego o meu marido nas costas, se for preciso varo a noite estudando, estou acostumada a ficar 20

horas sentada diante do computador. A analista faz uma intervenção e, a analisanda responde: sou eu que me faço atormentar."

Em As pulsões e suas vicissitudes, Freud escreve *"a experiência nos permite (...) falar de pulsões que são inibidas em sua finalidade* (Freud, 1915, p.143)." Neste texto, Freud descreve as vicissitudes que uma pulsão pode passar. Aprendemos com Freud que a inibição é uma operação que não chama a um novo recalque, desta forma consideraremos a reversão em seu oposto e o retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do sujeito. A reversão afeta as finalidades das pulsões. A finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). Quanto *à relação da atividade-passividade, Lacan diz que no nível da pulsão, ela é puramente gramatical* (Lacan, 1964, p. 188). Ele se refere ao percurso da pulsão, este percurso se faz em três tempos: o verbo na voz ativa, passiva e voz média grega.

Em relação ao 2.º destino - Retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do sujeito, Freud diz que o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio eu do indivíduo. Vejamos:

a) O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre outra pessoa como objeto. (sadismo).

b) Esse objeto é abandonado e substituído pelo sujeito. Ocorrendo aí uma coincidência entre sujeito e objeto. Efetua-se também a mudança de uma finalidade pulsional ativa para uma passiva. (sadomasoquismo).

c) Uma pessoa estranha é buscada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade pulsional, tem de assumir o papel do sujeito. (masoquismo).

Na neurose obsessiva, a posição do sujeito evidencia que a fase b. não é supérflua, ocorrendo um retorno do sadismo em direção ao eu do sujeito sem uma atitude de passividade para com outra pessoa. Assim, o desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masoquismo. A voz ativa muda, não para a passiva, mas para a voz reflexiva média. (trata-se de uma alusão às vozes do verbo grego).

Delorenzo (2007) afirma: *"na neurose obsessiva, o objeto substituído na fantasia, torna-se de objeto externo a objeto interno: confunde-se com o próprio eu. Desse modo,* ***o eu me torturo, deve ser traduzido por eu torturo em mim o objeto que aí coloquei".***

No seminário A angústia (Lacan, 2005, p. 74), Lacan coloca que o obsessivo procura um signo por baixo do significante, para ele o signo é o que representa alguma coisa para alguém, e o significante é o que representa um

sujeito para outro significante, assim, o obsessivo procura um significante que deixe de funcionar como tal, de modo a que seu desejo se prenda totalmente à demanda do Outro; dito de outro modo, seu desejo é de morte do desejo.

No fragmento acima, a analisanda ocupa a posição do sujeito identificado com o objeto *a*, via uma significação (sou o burro de carga) implica um gozo narcísico. Há aí uma tentativa de segurar o objeto *a*, que se mostra atrelado a uma significação. Segundo Lacan, a inibição é o resultado do embaraço do sujeito com um sentido particular que o amarra (Lacan, 1974-75). Nesta posição, o sujeito permanece engessado a essa significação, e a tudo que decorre desse lugar que ocupa, já que a inibição é, justamente, um recuo diante do desejo, ali o sujeito é. Vaz afirma: *Freud coloca que o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo – um imperativo de gozo que não cessa de se inscrever; resto que insiste. Tal resto será elaborado por Lacan por meio do conceito de objeto a como núcleo real de gozo. Podemos inferir daí que o a é o que resta como o herdeiro do supereu, resto, não simbolizado, que estrutura a subjetividade humana* (Rodrigues, 2013, p.124).

Os sintomas na neurose obsessiva se apresentam como dispositivos que permitem ao sujeito manter o desejo como impossível. É para isto que o obsessivo trabalha feito escravo. O obsessivo sofre, segundo Lacan, *"o efeito de supereu, quer dizer que os obsessivos se infligem toda sorte de tarefas particularmente árduas, desgastantes"* (Lacan,

1957-58). Alcântara, em sua monografia intitulada Notas sobre a neurose obsessiva, cita Peres: *"Estas tarefas podem ser confundidas, com produtividade, e atitudes altruístas, são, na verdade, saídas baseadas na substituição de sintomas, materializadas em uma série de cerimoniais preocupações e desvio, que visam a poupar o outro e com ele se relacionar* (Alcântara, 2011).

Summary: In this article the author differentiates the inhibition of the symptom , define and specify the conditions of its emergence , located in the chart proposed by Lacan in Seminar X inhibition as a function of movement and difficulty , and ends by addressing the relationship of inhibition with neurosis obsessiva.

Key-words: inhibition, symptom, neuroses obsessiva.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Inibição, Sintoma e Angústia (1926 [1927]). *Ed. Standard Brasileira, v. XX.* Rio de Janeiro: Imago. 1974.

FREUD, Sigmund. Os Instintos e suas vicissitudes (1915). *Ed. Standard Brasileira, v. XIV*. Rio de janeiro: Imago. 1974.

RODRIGUES, Gilda Vaz. Cortes e suturas na operação psicanalítica: *Uma leitura do Seminário R.S.I., Livro 22 de Jacques Lacan/Gilda Vaz Rodrigues.* Belo Horizonte: Ophicina de Artes &Prosa, 2013.

LACAN, Jacques. *R.S.I. O Seminário - 1974/1975.* Publicação inédita.

LACAN, Jacques. *O Seminário, A angústia. Livro 10*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, As formações do inconsciente. Livro 5*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Os quatro conceitos fundamentais. Livro 11*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DELORENZO, Rúbia. *Neurose obsessiva*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

Monografia de Humberto Barbosa Alcântara p. 40 – Brasília/DF – junho de 2011 – (internet) cita (PERES, U.T. (2005). Notas sobre a neurose obsessiva em Freud e Lacan. In: Berlinck, M.T (Org.). Obsessiva neurose. São Paulo: Escuta).

Inibição: nominação imaginária[1]

Marília Pires Botelho[2]

Sumário: Este texto visa a uma apreensão da inibição no nó borromeano como uma nominação imaginária. A autora percorre alguns textos de Freud, Lacan e outros autores que articulam a inibição às noções de fixação, de narcisismo e de eu ideal. Nesta trajetória, se interroga: qual é a direção do tratamento para que o sujeito vá além da inibição?

Palavras-chave: fixação, inibição, nominação, nó borromeano.

Em nossa leitura dos textos freudianos fica cada vez mais evidente que, desde o início da teoria, a inibição faz parte da estruturação do sujeito.

No texto de 1915 – Repressão (O Recalque), Freud define o recalque primário como uma primeira fase de recalque *"que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da*

1 Este texto foi produzido a partir das discussões do cartel Inibição e do cartel Topologia e Nominação

2 Psicanalista. Membro da ATO - escola de psicanálise.

pulsão", (Freud,1915, p.171) desviando-a de seu objetivo. A partir de então, o afeto segue livre podendo se ligar a outra representação, o representante ideacional recalcado continua inalterado e a pulsão permanece ligada a ele de forma inconsciente. A pulsão é inibida em seu alvo e, com isso, estabelece-se uma fixação. Dessa forma, podemos pensar que a fixação é produzida pela inibição.

Nas Conferências introdutórias sobre Psicanálise – 1916/17, especialmente na Conferência XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão - Etiologia, Freud chama a atenção para a evolução da função libidinal na causação das neuroses. Tece algumas analogias para clarificar sua teoria e conclui que considera possível que, no caso de cada uma das tendências sexuais, algumas partes delas tenham ficado para trás, fixadas em estádios anteriores de seu desenvolvimento, embora outras partes possam ter atingido seu objetivo final. Vemos aqui, também, a pulsão inibida em seu alvo. Ao mesmo tempo, Freud alerta-nos para o fato de que esses pontos de fixação nos mostram o caminho percorrido pela libido.

Podemos pensar que esses pontos de fixação, ao mostrar o percurso da libido, apontariam, também, a repetição? Seriam ilhas de gozo, habitadas por fragmentos fantasmáticos?

Em Psicologia de grupo e análise do eu - 1921, Freud diz que o desenvolvimento da libido nas crianças fa-

miliarizou-nos com o melhor exemplo de pulsões sexuais inibidas em seus objetivos. O recalque compele a criança a renunciar à maior parte desses objetivos sexuais infantis, ou seja, ela permanece ligada a seus pais, mas por pulsões que devem ser descritas como "inibidas" em seus objetivos.

Na leitura desses textos e de alguns outros, somos levados a pensar que, para que o sujeito se constitua e faça enodamento de sua sexualidade, há que haver inibição. É necessário um mínimo de inibição para que o sujeito não seja devastado pelo gozo.

Em vários momentos da teoria freudiana vemos a relação da inibição com a fixação. Cada ponto de fixação porta um resto de gozo e mostra um furo. Mas, é aí que encontramos a própria saída do sujeito. Ali onde houve fixação há uma detenção do movimento pulsional, mas a pulsão se enodou de alguma forma; o que nos leva a pensar numa possível articulação entre a fixação e o nó borromeano.

Lacan coloca os três termos freudianos – inibição, sintoma e angústia no nó borromeano. Sabemos que o nó borromeano é como se fosse um mapa da estrutura. O nó é a estrutura e a estrutura é o real. É uma escritura capaz de suportar um real.

É em decorrência da intrusão no campo simbólico, nos diz Lacan em RSI, que a pulsão é inibida em seu alvo como efeito da falta de um representante pulsional

que permitiria ao sujeito se fazer representar no campo do Outro.

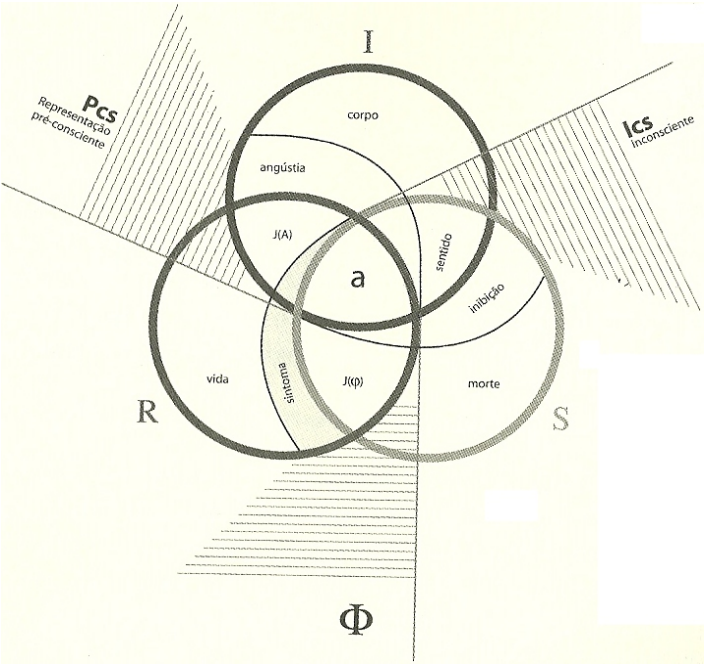
É no corpo que essa falta se manifesta e o sujeito fica impedido. *"...a inibição, como o próprio Freud articula, é sempre negócio de corpo ou de função"* (LACAN, 1975, p.6). É uma parada de funcionamento imaginária, específica do ser falante, que na tentativa de preencher a lacuna da falta de sentido do discurso do Outro, cria o sentido. O imaginário cria uma imagem para aquilo que não se sabe, dando uma consistência, uma consistência imaginária. A produção de sentido é estrutural, constituindo uma forma de gozar do ser falante.

Qual é a direção do tratamento para que o sujeito vá além da inibição?

Se por um lado a inibição é efeito da falta de representante pulsional que permitiria ao sujeito advir no campo do Outro, por outro lado, num trabalho de análise, ela possibilita a abertura para a via da representação pré-consciente. É o que pode ser visto no nó, como nos afirma Sérgio Becker, em seu texto **O letrista e o nó**:

> Lemos a formulação freudiana: o trabalho de escuta da representação pré-consciente inibida permite traçar com a linha do inconsciente uma escrita do sintoma. Na medida em que o nó amarra inibição e sintoma, escreve a letra do vazio de representante Φ e, no mesmo ato, ata a angústia, pois, essa escrita faz borda ao gozo do Outro (JA). A representação pré-consciente significa que algo fez furo no Outro, por isso Lacan coloca-a na banda da inibição. Mostra que ao menos

um falta, um que não se lê. Esta é a consistência do nó. Corpo, vida e morte marcados por essa escrita do furo. (BECKER, 2009, p.157).



A inibição está articulada, também, ao conceito de Eu ideal.

Lacan indica-nos que o sujeito cai numa armadilha, sendo capturado por sua imagem narcísica, uma imagem ideal de seu Eu**,** e que, *"por isso mesmo, permanece inibido em seu ato, não podendo agir por nunca corresponder a essa imagem ideal."* (Rodrigues, 2013, p.35)

É o horror, o recuo diante da castração que faz com que o sujeito fique preso à cilada narcísica. Nesta

armadilha da captura narcísica, a libido está inteiramente investida no próprio eu e o investimento dela em relação ao objeto se apresenta de alguma forma, obstruído. A libido circula como um circuito fechado entre o eu e a imagem do eu. Mas, o que constitui o eu são pontos de perda. É quando o sujeito investe no objeto, que a falha na imagem aparece e o real aí se apresenta como *objeto a*. *O objeto a* é o que falta ao ideal do eu. O que coloca o sujeito em movimento, o que o permite sair da relação especular é justamente a falha na imagem. É na distância entre o ideal do eu e o objeto que o sujeito advém.

Para Gilda Vaz Rodrigues,

> A estrutura essencial da inibição consiste em manter a distância ótima entre o sujeito e seu ideal. A inibição visa a barrar o sujeito nessa busca de se atingir o ideal, o que configuraria a paranóia. Assim, ao se tentar atingir a perfeição da imagem ideal, esbarra-se na inibição que preserva a identidade vazia do ser. Dessa forma a inibição também é uma forma de nomeação, de nomear a falta no registro do imaginário. (Rodrigues, 2013, p.130).

Lacan, ao avançar em sua teoria sobre o real, conclui que uma análise tem que ir além da cadeia de significantes, além de uma amarração edipiana. O sujeito deve ser desenlaçado de sua posição edipiana que produz fixações e ficções. Nesse momento, ele busca uma nomeação que toque o real. Uma amarração de outro modo, que implica inventar algo nesse campo que não faz cadeia, campo próprio da pulsão de morte, já definida por Freud

como pura dispersão, mas que requer alguma amarração. Lacan se interroga como amarrar a estrutura nesse campo de pura dispersão?

Nas últimas lições do R.S.I. Lacan introduz o termo nominação. Aponta-nos que a nominação se faz no simbólico como sintoma; no real, sob a forma da angústia, que ao mesmo tempo em que sinaliza algo do real para o sujeito faz borda ao gozo do Outro, cernindo o campo do real devastador; no imaginário como inibição, que vem preservar uma certa distância entre o sujeito e sua imagem ideal.

Buscando justamente uma escrita que suporte o impossível do real, essa dispersão do real, Lacan propõe uma nominação que inclua os três registros - R.S.I., ao que ele acrescenta um quarto termo, que irá enodar os outros três: o Pai nomeante, o Pai Real.

Sommaire: Cet article vise une appréhension de l'inhibition dans le nœud borroméen comme une nomination imaginaire. L'auteur passe par des textes de Freud, Lacan et d'autres auteurs qui articulent l'inhibition aux notions des fixations, du narcissisme et de l'ego ideal. Dans cette trajectoire, se demande : quel est le sens du traitement afin que le sujet va au-delà de l'inhibition ?

Mots-clés: la fixation, l'inhibition, la nomination, le nœud borroméen.

Referências bibliográficas

ANOTAÇÕES do Seminário ministrado por Sérgio Becker em BH/ 2014.

BECKER, Sérgio. O letrista e o nó – In: Do real, o que se escreve?/ *Revista da Escola Letra Freudiana*. – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

CAMPOLINA, Arlete. *A escrita quaternária do nó* – texto inédito.

FREUD, Sigmund. Conferência XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão - Etiologia/Conferências introdutórias sobre Psicanálise – 1916/17.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu – 1921. *Ed. Standard Brasileira, v.XVIII.* Rio de janeiro: Imago,1974.

FREUD, Sigmund. Repressão-1915. *Ed. Standard Brasileira, v.XIV*. Rio de Janeiro: Imago,1974.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. *R.S.I. - O Seminário* - 1974/1975 – publicação inédita.

RODRIGUES, Gilda Vaz. *Cortes e suturas na operação analítica: uma leitura do Seminário R.S.I.*, Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2013.

SINTOMA / SINTHOMA

Sinthoma

Marisa G. Cunha Martins[1]

Resumo: Esse trabalho visa a discorrer sobre a formalização do sinthoma em Lacan, evidenciando que, apesar desse autor não estabelecer um nó próprio à psicose e não mais falar em estrutura na clínica do real, ele apresenta diferentes formas de amarração constituídas pelo falasser para lidar com seu ponto de gozo.

Palavras-chaves: Sinthoma, falasser, gozo, clínica do real.

Lacan, ao final de seu ensino, privilegia o termo *falasser*, não mais para dizer do sujeito mortificado pelo significante, mas para dizer do ser da fala com seu corpo de gozo, o que foi bem explorado em sua clínica fundamentada no real.

Nessa clínica, apesar de Lacan trazer o nó em substituição a estrutura, ele segue na elaboração dos nós sem especificar um para a psicose. Mas apresenta algumas

1 Psicanalista. Membro da ATO - escola de psicanálise

amarrações que o ser vivente constrói que dizem de seu gozo e de seu sinthoma.

Nos anos 60, em seu Grafo do desejo Lacan já aponta a falta de um significante no Outro, o Outro também é barrado, castrado. O simbólico comporta um furo, por isso não diz tudo. Diante desse impasse, Lacan repensa como amarrar a estrutura. Eleva o Nome-do-Pai ao estatuto de Nomes-do-Pai. No *Seminário 20 (1985)* surge a ideia do nó borromeano para dizer disso que escapa à estrutura, isso que não se escreve na relação sexual. E, na aula do dia 11 de março de 1975, do *Seminário RSI,* Lacan situa os Nomes-do-Pai como o Simbólico, o Imaginário e o Real. Acrescenta, numa aula posterior, a do dia 13 de maio de 1975, a distinção entre três formas de nominação da falta: no Imaginário como inibição, no Real como angústia e no Simbólico, na forma do Sintoma. Mas é no *Seminário 23 (2007)* que Lacan introduz a nominação como um quarto elemento que amarra a estrutura e articula o significante ao gozo, ao qual chamou sinthoma, ou *sinthome*, que faz homofonia com symptôme (palavra que indica sintoma em francês) e com s*aint homme (homem santo)*.

O que leva Lacan a repensar seu ensino é a falha estrutural da linguagem que se coloca para todo ser falante. A partir daí, ele desenvolve as distintas e singulares maneiras de amarração que o sujeito faz para se haver com essa falha. Antes, o neurótico respondia pela via da função do Nome-do-Pai, enquanto a psicose era designada pelo

não ao pai. Assim era vista a diferença entre essas duas estruturas. A teoria dos nós foi formalizada sobre a generalização do conceito de foraclusão, que por sua vez traz a generalização do conceito do Nome-do-Pai, implicando numa pluralização dele, ou seja, Nomes-do-Pai. Sustenta-se pelo conceito geral de enlaçamento, destacando que real, simbólico e imaginário podem se enlaçar pela operação da metáfora paterna, com a instituição do significante Nome-do-Pai, mas, há casos em que se dá o enlaçamento a partir de outro elemento que faz suplência ao Nome-do-Pai. Conforme indica Mazzuca, Schejtman e Zlotnik (2000), a segunda clínica de Lacan se destaca tendo em vista o Real e seus efeitos de gozo. Essa clínica traz a noção de suplência, porém, diferente da primeira clínica, onde o sintoma fóbico, encontrado no Caso do menino Hans, é formalizado por Lacan como suplência da metáfora ineficaz. Na segunda, o sintoma faz suplência à impossibilidade da relação sexual.

Para Miller (2009), o *inconsciente como discurso do Outro* relembra o ponto de partida do ensino lacaniano em sua conferência inicial de 1953, momento em que o insconsciente está situado no Outro, lugar do tesouro dos significantes. É assim que Lacan formaliza o sujeito, esse sujeito que pensa que diz o que quer, mas na verdade ele diz o que o Outro, ou, o que os outros quiseram. O inconsciente situado nesse sentido corresponde a uma generalidade e

não a uma singularidade. Quando Lacan diz que Joyce é desabonado do inconsciente, é o mesmo que dizer que ele é a encarnação do sinthoma, ou seja, a encarnação do que há de singular em cada indivíduo. Um sinthoma que não chega a comunicar, que se afasta de toda generalidade e apreende *cada um* como Um absoluto, separado.

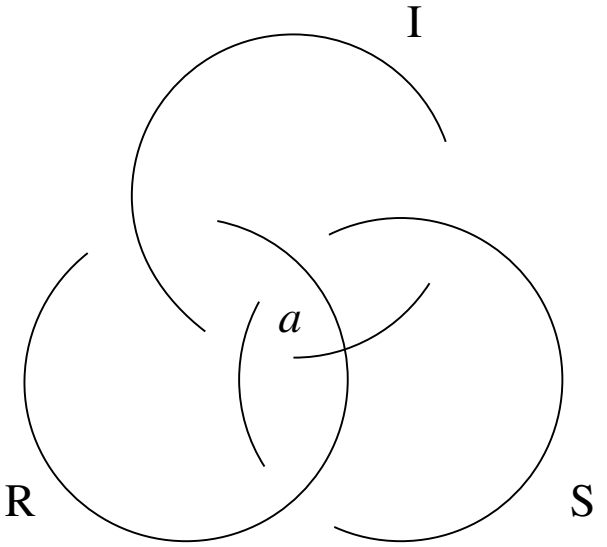
Em seu derradeiro ensino, Lacan não pensa mais a psicanálise fundada sobre o Outro, não quer mais ouvir as histórias de famílias, quer escutar outra coisa que o discurso do Outro. Agora, no fim de seu ensino se interessa mais pelo sinthoma do Um. Por isso, diz Miller, que o último ensino lacaniano é o avesso, o contrário de seu sistema, e esse avesso procede do Um, e não do Outro. Lacan leva a psicanálise para o registro do Um, para repensar sua prática a partir do que há de singular, o sinthoma do Um. Segundo ele, é por isso proceder do Um completamente sozinho que Lacan, em seu *Seminário 24*, desde a primeira lição se interroga a identificação.

> Quer dizer que ele delineia, esboça, precisa compreender a identidade *sintomal (symptomale)* do que chamamos, com imprudência de sujeito, e sugere que a psicanálise poderia ser definida como acesso à identidade *sintomal (symptomale)*, isto é, não se contentar em dizer o que os outros quiserem, não se contentar em ser falado por sua família, mas aceder à consistência absolutamente singular do sinhtoma (Miller, 2009, p. 142).

Com isso, entende-se, que um final de análise conduzido de acordo com o último ensino de Lacan, deve

ir além da fantasia, momento em que o falasser deve saber o que fazer com seu sinthoma.

Antes, no *Seminário RSI* (1974-75, inédito), Lacan esquematiza a amarração neurótica pelo registro imaginário.



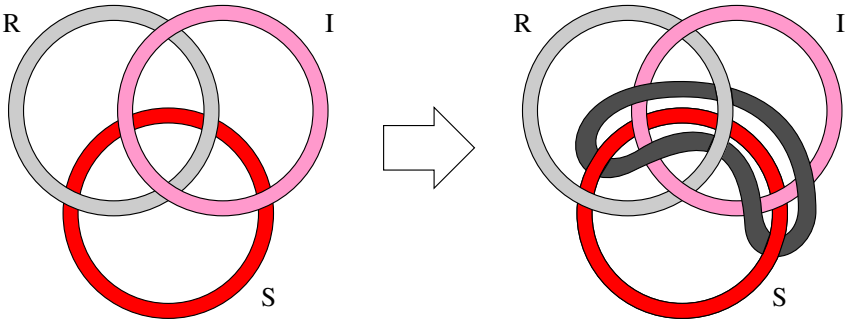
(Seminário RSI, 1974-75, Inédito, p. 74)

Ao perceber a inexistência da relação sexual entre os seres falantes observa que, para o Simbólico e Real permanecerem ligados, é necessário que uma terceira dimensão se interponha, o Imaginário. O sujeito, ao se inserir na inscrição simbólica do Nome-do-Pai, é sustentado pela tela da fantasia, que dá consistência à impossibilidade do encontro entre os sexos: ($\$ \lozenge a$). Nesse esquema, a cadeia borromeana se dá pelo enodamento dos três registros, R,S,I,

constituindo um quarto buraco central, lugar do objeto *a*. Sabe-se que esse tipo de amarração não se dá nas psicoses, em que o mais característico é o desligamento do registro imaginário dos outros dois registros, estabelecendo uma relação sólida entre Simbólico e Real. Com isso, pode-se compreender o motivo de se dizer que a relação sexual existe, na psicose, entre os pares que se interpenetram. Na estrutura psicótica, portanto, encadeamentos borromeanos não existem.

Em seu *Seminário 23* (2007), Lacan explica que na neurose se dá um lapso no qual os três anéis se soltam, e, com isso, ele abandona o pensamento de uma configuração rígida dos registros Real, Simbólico e Imaginário. Assim, ele supõe um quarto anel que chamou de sinthoma. Esse quarto anel, proposto por ele, é a realidade psíquica, equivalente ao complexo de Édipo e ao Nome-do-Pai, que fará suplência ao registro simbólico enlaçando o imaginário, o simbólico e o real.

À esquerda, no esquema abaixo, encontra-se esquematizado o imaginário, o simbólico e o real separados uns dos outros. E o que vem ligá-los é o sinthoma, o quarto anel. A seguir podem ser vistos os três anéis separados e, depois, ligados pelo sinthoma, o quarto anel.



(Seminário 23, 2007, p. 21)

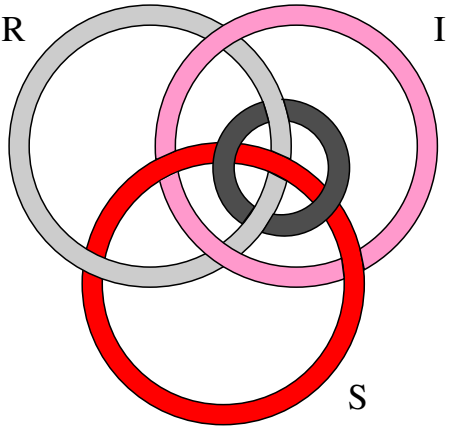
Guerra, em sua observação clínica, traz um comentário a esse respeito.

> O importante a destacar nessa passagem do nó de três para o nó de quatro aros é a sustentação da amarração por este quarto elemento, podendo qualquer sujeito, a princípio, fabricá-lo. E, em sua repercussão clínica, verificarmos que o Simbólico avançando sobre o *Sinthoma* (no reforço que forma com ele), pode se estender até certo limite quando, do uso do gozo do *sinthoma* que resta, o sujeito poderá extrair um *savoir-y-faire* com esse resto *sinthomático*. Podemos associar esse resto, que não desaparece, ao rochedo da castração, ao gozo opaco que resta inanalisável, e do qual o sujeito aprenderá a fazer novo uso (GUERRA et al., 2008, p. s/n).

Para essa autora, Lacan vai avançando em suas apresentações do nó sem se decidir quanto a um nó específico para a psicose. Ele comenta que, na paranoia, o sujeito, ao enodar a três o imaginário, o simbólico e o real, ele é suportado somente pela continuidade desses registros, formando assim "*um grude imaginário*".

Lacan segue com sua apresentação dos nós, mostrando um nó de quatro anéis em que será necessária uma suplência onde ocorre um erro: no lugar em que o registro simbólico deveria passar por baixo do real, ele passa por cima, deixando o registro imaginário livre, fazendo com que Real e Simbólico apareçam interpenetrados. Este nó se apresenta da mesma forma que o sinthoma de Joyce, desenvolvido por Lacan.

No caso de Joyce, não acontece o desligamento do imaginário, que é evitado por ele por meio de uma suplência, por meio de um sinthoma que fará um reparo no lapso do nó.



O ego que corrige

(Seminário 23, 2007, p.148)

Eis exatamente o que se passa, e onde encarno o ego como corrigindo a relação faltante, ou seja, o que, no caso de Joyce, não enoda borromeanamente o imaginário ao que faz cadeia

> com o real e o inconsciente. Por esse artifício de escrita, recompõe-se, por assim dizer, o nó borromeano (LACAN, 2007, p. 148).

Joyce inspirou Lacan em seu último ensino, por sua prática de escrita, por encarnar o sintoma, por ser um desabonado do inconsciente. Fez um Nome Próprio a expensas do Nome-do-Pai, através de sua escrita, que foi publicada, e diz Lacan (2007, p. 91), "*ao se pretender um nome, Joyce fez a compensa*ção *da carência paterna*". Ele fez seu Nome Próprio diante de seu desejo de ser famoso e de ser lido pelos universitários e, com isso, tinha uma meta, não se tratava somente de escrever.

Para Dafunchio (2008), Schreber também escreveu, mas sua escrita não alcançou a área da literatura, sua escrita somente interessou aos psicanalistas. Seu Nome Próprio, portanto, só sustentou sua própria doença. Ao contrário de Joyce que, com sua escrita, faz a correção do lapso do nó – a carência do Nome-do-Pai. Essa solução, encontrada por Joyce, é uma das soluções possíveis. Ela corrige o lapso no mesmo lugar onde havia sido produzido no nó. O lapso é corrigido por meio de uma produção sinthomática, no mesmo lugar que se soltou, e consegue reter o imaginário.

Miller, a partir desse *Seminário*, *O sinthoma,* em nota redigida em 27 de janeiro de 2005, comenta que quando o Nome faz função de sinthoma é porque o nó não deu conta de agir como suporte do sujeito. Se o nó revela

ser esse suporte, não há necessidade do Nome-do-Pai. Isso porque, da mesma forma que na metáfora paterna, o Nome tem como função dar a significação do desejo da mãe pelo falo, o Nome exercendo a função de sinthoma, na psicanálise, de acordo com Lacan (2007, p.238), "é *o instrumento para resolver o gozo pelo sentido*", mas também reitera que o não sentido do real pode se esclarecer ao ser tomado por um sinthoma. Para Guerra e col. (2008), o sinthoma corresponde a algo do real do inconsciente e para Lacan, Joyce é um sinthoma enquanto desabonado do inconsciente.

> Trata-se aqui de um sintoma desabonado, não tributário do aparato semântico que é o inconsciente. Se o *abonnement* compromete o sujeito a um pagamento adiantado pela recepção de um bem (pelo qual aposta que vai obter – de modo regular, periódico e recorrente – uma recuperação do gozo), o desabono ou a não subscrição, por outro lado, marca uma ruptura com tal aposta. Trata-se do sintoma em seu puro valor de uso, um uso que vai mais além de seu valor significante e de verdade, quer dizer, um uso desprendido do fantasma, desprendido do gozo extraído da ficção que o sujeito construiu para fazer existir um Outro do gozo fabricado à sua medida. Joyce trabalha diretamente no real da letra. Extrai seu gozo de uma experiência que não é abonada pelo (ou subscrita ao) inconsciente (GUERRA e col. 2008, p. s/n).

Por isso, Lacan escreve que o sintoma de Joyce é estritamente o que lalíngua condiciona o que tem relação com o gozo, e diz: "Aí está o sintoma". E, como mostra Joyce, o sintoma que é a realidade psíquica requer

uma estrutura em que o Nome-do-Pai é um elemento imprescindível. Conforme Lacan (2007, p. 163), "*o pai, como nome e como aquele que nomeia, não é o mesmo*". O pai é o quarto elemento articulado ao nó do simbólico, do imaginário e do real, ele é o sinthoma que é o que há de mais singular num indivíduo, Joyce identifica-se com o *individual,* por meio do que escreveu fez-se um Nome Próprio, prescindindo do pai.

Contudo, o importante, aqui, é perceber a singularidade do sinthoma nas amarrações construídas pelo falasser. É prudente observar que o nó da amarração neurótica é constituído pela fantasia, ou seja, pelo Édipo. Numa análise para se chegar ao sinthoma, é necessário que se vá além do Édipo. Para que isso ocorra, no decorrer da análise o sujeito, precisa se desvencilhar dos significantes do Outro, adquirindo seus próprios significantes. Viu-se, que no caso Hans, a suplência obtida não vai além da Metáfora Paterna, não constituindo um sinthoma. Nas psicoses, no caso do nó de Joyce, como desabonado do inconsciente, ele é o próprio sinthoma. Ele é um sinthoma enquanto completamente separado do inconsciente do Outro. Aqui fica entendido que apesar da reparação constituída por Joyce em seu nó, esse nó jamais se revelará num nó borromeano. Observa-se que na clínica do real Lacan não fala mais em estrutura, mas não descarta a diferença entre uma amarração neurótica e uma construção psicótica.

Résumé: Ce travail cherche à discuter la formalisation du symptôme chez Lacan démontrant que, malgré le fait que cet auteur n ‘ établit pas un noeud propre à la psychose et qu’ il ne parle plus de structure dans la clinique du réel, il présente différentes formes d’ amarres constituées par le parlêtre pour gérer sa propre jouissance.

Mots-Clés: symptôme, parlêtre, jouissance, clinique du réel.

Referências bibliográficas

DAFUNCHIO, N. S. *Confines de la psicosis. Teoría y práctica.* Buenos Aires: Del Bucle, 2008

GUERRA, Andréa Máris Campos et al. *Sujeito e invenção: a topologia borromeana na clínica das psicoses.* Á**gora,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Dec. 20

LACAN, Jacques. *Subversão do sujeito e dialética do desejo*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, aind*a. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

LACAN, Jacques. *R.S.I. (1974/75) O Seminário*, livro XXII. Inédito

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

MAZZUCA, R.; SCHEJTMAN, F.; ZLOTNIK, M. Las dos clínicas de Lacan: *Introducción a la clínica de los nudos*. Editorial Tres Haches, 2000

MILLER, Jacques-Alain. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: o sinthoma.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

ANGÚSTIA

Notas freudianas sobre o desejo de dormir, o desejo de sonhar e a angústia

Raul Macedo Ribeiro[1]

Sumário: O artigo retoma a metapsicologia freudiana para aí situar a dinâmica pulsional que anima o desejo de dormir e o desejo de sonhar; observa, no entanto, que o desejo de dormir pode ser inibido pela angústia veiculada pelo sonho. Daí, resultar a tríade: desejo de dormir, desejo de sonhar e a angústia. No artigo, a angústia é desdobrada em afeto decorrente da insistência pulsional que tende a corromper o aparelho psíquico, e, em angústia sinal. Considera que a tradução realizada no pré-consciente, ou seja, no campo da enunciação, *"entre montantes de energias num substrato inimaginável",* é o que propicia o surgimento da angústia como sinalizadora de um perigo, ao situá-la em referência ao campo da linguagem apalavrada. O trabalho resgata o pré-consciente freudiano como lugar da enunciação

1 Psicanalista / Belo Horizonte (raulmacedolifecenter@gmail.com)

e, portanto, cenário onde se desenvolve a sessão analítica.

Palavras-chave: pulsão, processo primário, pré-consciente, angústia sinal, enunciação.

Adélia Prado fez um singelíssimo poema e o denominou *Exausto*. O poema diz o seguinte:

> Eu quero uma licença de dormir,
> perdão para descansar horas a fio,
> sem ao menos sonhar,
> a leve palha de um pequeno sonho.
> Quero o que antes da vida
> foi o profundo sono das espécies,
> a graça de um estado
> Semente.
>
> Muito mais que raízes.
>
> (PRADO, 1982, pg.35)

Freud, muito antes de Adélia, escreveu sobre o desejo de dormir e sobre o desejo de sonhar. Embora o desejo de dormir aspire, tal como o poema de Adélia, a uma reclusão total do mundo, ou seja, aspire a uma retomada narcísica absoluta, o que ocorre, no entanto, é o surgimento do sonho atestando a impossibilidade de se alcançar a graça de um estado semente. No artigo *Complemento Metapsicológico à teoria dos sonhos*, Freud sublinhou: *"Já de início, portanto, o narcisismo do sono teve que admitir uma exceção, e com ela principia a formação do sonho"* (FREUD, 2010, pag. 154-155).

O sonho é construído a partir das reivindicações das moções pulsionais inconscientes, porém incitadas pelos vestígios diurnos. É, pois, no Pcs, no campo dos vestígios diurnos, ou dos resíduos mnemônicos da palavra ouvida, que se forma o desejo de sonhar, ou o desejo de regressão ao campo da fantasia realizadora de desejo. Freud explicita: "[...] *forma-se o desejo pré-consciente de sonhar, o qual dá expressão ao impulso inconsciente no material dos restos diurnos pré-conscientes"* (FREUD, 2010, pg. 157).

Daí, a cada dia e a cada noite que se dorme e se sonha, ao humano é facultado o retorno ao processo primário de pensamento. Mas o direito a abster-se completamente do mundo circundante, o que é almejado pelo desejo de dormir, é negado ao humano; definitivamente *"Para fora deste mundo não podemos cair" – frase emblemática de O mal-estar na civilização* (FREUD, 2010, p.15).

O processo primário de pensamento, resgatado no sonho, e sendo um modo alternativo de cair um pouco para fora do mundo, caracteriza-se pelo movimento que desloca e condensa ideias ou representações, ao sabor do belprazer ou desprazer, sem se importar com a verdade ou com a falsidade do que é enunciado por meio de tais ideias ou representações.

O processo primário, constituinte da formação do psiquismo na sua *urbild* e do funcionamento inconsciente, tem a propriedade de substituir o objeto ausente por sua

alucinação. Tentativa vã, mas essencial na instauração de um aparelho psíquico capaz de suportar a hiância do objeto, de onde, com o tempo, advirá o simbólico propriamente dito, a que Lacan denominará Φ maiúsculo.

No texto metapsicológico acima citado, um ponto chama a atenção. A observação freudiana de que quanto mais fortes forem as moções pulsionais inconscientes, mais instável será o sonho, e, sendo o Eu incapaz de inibir tais moções recalcadas, acontece ao sujeito, inclusive, desistir do sono em razão do medo de sonhar.

É a partir dessa observação sobre a angústia que advém do fato de o sonho ser tomado como um perigo, que considero ser possível o estabelecimento da série: desejo de dormir, desejo de sonhar e a angústia – série que norteia e nomeia este escrito.

Freud em *O Eu e o Isso*, ao se perguntar como uma representação inconsciente se torna consciente, levanta duas hipóteses. As representações inconscientes avançam para a superfície que faz surgir a consciência? Ou a consciência vai até às representações inconscientes? Ele responderá, categoricamente, que não se trata de nada disso, mas, sim, que é por intermédio das representações verbais pré-conscientes que algo se torna consciente. Rigorosamente falando, algo se torna necessariamente pré-consciente para se tornar consciente (FREUD, 2011)

No entanto, Freud observa que em relação aos afetos o Pcs é dispensado de sua função de elo intermediário

entre o consciente e o inconsciente, por serem os afetos diretamente conscientes ou inconscientes. Adverte-nos, porém, que é inapropriado referir-se aos sentimentos como sendo inconscientes.

Julgo curiosa a denegação usada por Freud, ao longo de quase toda a sua obra, a cada vez que ele utiliza a expressão "sentimento inconsciente", já que a utiliza para em seguida afirmar que não é correta a aplicação do adjetivo inconsciente aos sentimentos. Assim mesmo, ele continua a afirmar a negação e a retomá-la seguidamente ao longo de sua obra. Isso é curioso em se tratando do rigor com que Freud conduz a construção conceitual psicanalítica.

Em 1933, nas *Novas conferências introdutórias*, particularmente na *Conferência XXXII - Angústia e instintos*, Freud menciona o avanço ocorrido em relação à teoria da angústia, concebida inicialmente como uma descarga libidinal que, ao romper as barreiras do recalque, irromperia como afeto angustiante na superfície consciente do Eu. Isso sem nenhuma intermediação do Pcs, ou seja, sem nenhuma intermediação da *wortvorstellung*. Nessa concepção, a libido represada adviria como angústia justamente ao subverter o recalque (FREUD, 2010).

A torção conceitual em relação à teoria da angústia ocorre na medida em que a angústia passa a ser concebida como resultante de uma pressão libidinal imperiosa – um momento traumático ou apenas a repetição

de tal momento – o que fará desencadear o mecanismo do recalque. Freud escreve:

> Se chamamos esse estado, no qual fracassam os esforços do princípio do prazer, de momento traumático, então chegamos, pela sequência angústia neurótica – angústia realista – situação de perigo, à tese simples de que a coisa temida, o objeto da angústia, é sempre a aparição de um momento traumático que não pode ser liquidado segundo a norma do princípio do prazer (FREUD, 2010, p. 239-240).
>
> [...] Aquilo que se teme (na angústia neurótica) é, evidentemente, a própria libido (FREUD, 2010, p. 228).

Sublinho outra primorosa observação retirada da conferência *Angústia e instintos*. Freud observa que a pressão pulsional inconsciente, que faz desencadear para o Eu a angústia, se anuncia por meio de *"um processo não consciente ou pré-consciente que se dá entre montantes de energias num substrato inimaginável"* (FREUD, 2010, p. 235).

Tal observação nos chama a atenção para o caráter fundamental dos elos verbais pré-conscientes que comunicam ao Eu a ameaça pulsional, capaz de suscitar o recalque e a angústia sinalizadora de perigo, o que contraria a própria concepção freudiana de que os afetos seriam diretamente conscientes ou inconscientes. Isso porque, o afeto da angústia sinal não se evidenciaria, a não ser por via da sensibilidade relativa ao Pré-consciente, ou seja, a sensibilidade forjada a partir dos traços mnêmicos

da palavra ouvida. Freud observa: *"Os resíduos verbais derivam essencialmente de percepções acústicas, de modo que ao sistema Pcs é dada como que uma origem sensorial especial"* (FREUD, 2011, p. 25).

Há, pois, no surgimento da angústia sinal um pensamento apoiado em palavras, em contraposição ao pensamento do processo primário que é fundamentalmente apoiado em imagens. É a tradução em palavras, *"entre montantes de energias num substrato inimaginável",* o que propicia o surgimento da angústia como sinalizadora de um perigo. Sinal, portanto, situado no campo da linguagem apalavrada.

"Por um Resgate do Pré-Consciente", bem poderia ser esse o título deste escrito. O Pré-consciente, tal como foi formulado por Freud, é, por excelência, o campo da enunciação, ou seja, o campo em devir do pensamento que se forja em palavras. É, pois, nesse campo que recebemos os nossos pacientes e os tratamos. É nele que se desenvolve cada sessão analítica. Isso se o analista se comportar bem, ou seja, se se abstiver de impor o enunciado ao *setting* analítico para deixar lugar ao movimento oscilante da enunciação tricotada pelo analisante.

A propósito, no seminário *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan observa: *"Na pulsão, não se trata de modo algum de energia cinética, não se trata de algo que vai se regrar pelo movimento. A descarga em*

causa é de natureza completamente diferente, e se coloca num plano completamente diferente" (LACAN, 1985, pg.157)

É possível que o plano completamente diferente, a que se refere Lacan sobre a descarga pulsional, diga respeito justamente à abertura provocada pela enunciação ao traduzir a linguagem inconsciente, a linguagem imagética, em linguagem Pcs, ou seja, a linguagem em palavras.

Utilizo, aqui, a palavra traduzir no sentido literal de derramar ou tentar verter uma língua em outra, com toda a perda econômica inerente a tal procedimento. É exatamente isso, ou seja, a tradução, o que a enunciação pré-consciente propicia ao longo de uma análise. Mas tal exercício de tradução somente poderá ocorrer se o analista não for apressado ou, ainda, sabido e bacana demais!

Sommaire: L`article reprends la metapsychologie freudienne pour y situer la dinamique pulsionnelle qui anime le desir de dormir et le desir de rêver ; remarque, pourtant, que le desir de dormir peut-être inhibé par l`angoisse veiculé par le rêve. En resulte une triade : le desir de dormir, le desir de rêver et l`angoisse. Dans cet article l`angoisse est dedoublé en affect qui decoule de l`insistence pulsionnelle qui tend a corrompre l`appareil psychique, et, en angoisse signal. L´article considere que la traduction operé dans le preconscient, ou voire, dans le champ de

l`anonciation, *« entre parcelles d`energie dans un substratt inimaginable »,* c`est cela qui favorise le surgissement de l´angoisse comme un signal de danger, justement dans la mesure où l`angoisse est situé par rapport au champ du langage parlé. Le travail reprends le preconscient freudienne comme lieu de l´enonciation et, donc, cadre où se développe la session analytique.

Mots-clés: pulsion, processus primaire, preconscient, angoisse signal, enonciation.

Referências bibliográficas

AULAGNIER, P. *Os Destinos do Prazer* (1979) Tradução de Maria V. Gervaiseau e Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda, 1985.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXII: Angústia e os instintos (1933). In: _____. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos* (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 224-262. (Obras completas, 18).

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923). In: _____. *O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos* (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. (Obras Completas, 16).

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo (1915). In:_____. *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de metapsicologia E Outros Textos.* Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50. (obras completas, 12).

FREUD, SIGMUND. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos* (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122. (Obras completas, 18).

FREUD, Sigmund. Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917). In: _____. *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de metapsicologia E Outros Textos.* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.151-169. (Obras completas, 12).

LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PRADO, A. Exausto. In: _____. *Bagagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.35.

As errâncias de Franz Kafka

Barbara Guatimosim[1]

E "A contribuição milionária de todos os erros"
(Oswald de Andrade em *Manifesto Pau Brasil*,1924, p.66)

Sumário: O escritor Franz Kafka deixa em sua obra o testemunho de um duplo exílio, sem saída, que lhe parece impossibilitar uma terceira via: para ele, não só não há lugar no mundo, como também só vive fora de si. Entretanto, no limbo errante de sua escrita, registrada em ficções, diários e correspondências, segue construindo um caminho de resistência que, mirando a morte, o leva ao encontro de destinos inesperados.

Palavras-chave: Exílio, Errância, Escrita, Morte, Infinito

Franz Kafka é o escritor que talvez testemunhe de modo mais lúcido e pungente a falta que faz um pai

1 Psicóloga, Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano, BH e da IF - EPFCL. Organizadora do livro "Em torno do Cartel" - Edição da AFCL, 2004. Artigos publicados em várias revistas e coletâneas de Psicanálise. Mestre e doutoranda em Estudos Literários na linha de pesquisa Literatura e psicanálise, FALE / UFMG.

desde o excesso do *Urvater* que sofreu. Muito cedo em sua vida, na ausência de uma autoridade legítima, vemos erguer-se monstruosamente a sombra espessa do supereu que cai sobre ele, melancolizando sua curta existência. Kafka, por 40 anos, sem uma referência que o guie e assolado constantemente por um "invisível tribunal", sem lugar, em um mapa-múndi ocupado, invadido pelo Outro, erra na angústia de sua clausura, preso do lado de fora do mundo. Mas Kafka não desiste e segue errante em busca de uma saída. Dos postos de resistência, a escrita é a via privilegiada e chega a fazê-lo dizer: "Sou apenas literatura." No afã de registrar tudo, preenche milhares de páginas em contos, diários e correspondências, esboça romances e desenhos, interminavelmente.

Kafka confessa em seus *Diários*: "A minha vida é o hesitar antes do nascimento (*Das Zögernvor der Geburt*)." (24/01/1922, Difel, p. 360). E nesse hesitar instala-se a errância de uma vida escrita. Essa região — terra de erro que não é uma região de fato,

> onde faltam as condições para uma verdadeira permanência, onde tem que se viver numa separação incompreensível, numa exclusão da qual se está excluído como se está excluído de si mesmo, nessa região que é a do erro porque nada mais se faz senão errar sem fim, subsiste uma tensão, a própria possibilidade de errar, de ir até o fim do erro, de se aproximar de seu limite, de transformar o que é um caminho sem objetivo na certeza de um objetivo sem caminho. (BLANCHOT. Kafka e a exigência da obra. *In*: BLANCHOT. O *espaço literário* 1987, p. 72).

Para Blanchot, é nessa região que erra o topógrafo d'*O castelo*, que desde o começo está —"fora do alcance da salvação, pertence ao exílio, esse lugar onde não só não está em sua casa, mas está fora de si." (BLANCHOT, *idem*, p. 72.)

A terra de erro em que Kafka vagueia deixa-o fora do mundo, onde ele se sente "apenas flutuando em algum limbo." (Carta a Felix Weltsch de 10/1913. *In*: KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 26). Uma condição zumbi, nem morto, nem vivo, que o faz pensar na morte como uma redenção. Esta fantasia de renascer ao cabo de um banimento absoluto prolifera nos escritos, o que alguns vêem como alusão à mentepsicose cabalística: (BLANCHOT, 1987, p. 65 [nota]). "Se existe uma transmigração das almas, então eu não me encontro ainda no último degrau (*unterstenStufe*)." (KAFKA. *Diários*, Difel, 24/01/1922, p. 360). Mas nessa fantasia vemos bem mais a *esperrânsia* de uma segunda morte, morte que lhe traga a chance de uma outra vida.

Mas se a segunda morte tão ansiada não lhe vem em socorro, melhor contar com a primeira. Kafka cortejou-a por muito tempo. Depois do fracasso de seus dois noivados no afã de unir-se a uma mulher e formar uma família, sem conseguir afirmar-se como homem e escritor, desabafa com seu amigo Max Brod: "— Por que tantas paradas na estrada para a morte? Por que leva tanto tempo?" (Kafka em lamento a Brod *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p.

370). Pouco tempo depois, o corpo finalmente responde com a tuberculose.

Mas enquanto a morte não chega, Kafka parece pedir por uma arma que não teve na infância — uma aposta terceira que o arrancasse do exílio, da duplicidade, um chamado paterno que o conduzisse ao mundo dos homens:

> Um pouco tonto, cansado de patinar e cair serra abaixo. Mas ainda existem armas, tão raramente empregadas; custa-me tanto chegar até elas porque desconheço as alegrias de seu emprego, não pude aprender quando era pequeno. Não foi só "por culpa do meu pai" que não aprendi a usá-las, mas porque também queria perturbar a "tranquilidade", o equilíbrio, e por isso não podia permitir que uma nova pessoa nascesse em outra parte, quando eu me esforçava aqui por enterrá-la. É claro que também assim remeto à culpa, porque, por que eu queria fugir do mundo? Porque "ele" não me deixava viver no mundo, no seu mundo. De fato não devo emitir um juízo tão preciso, pois sou agora um cidadão deste outro mundo, que se parece com o mundo normal assim como o deserto com a terra cultivada (durante quarenta anos errei distanciando-me de Canaã). Olho para trás como um estrangeiro; embora também, nesse outro mundo — e isto me segue como uma herança paterna — sou o mais ínfimo e o mais temeroso (...). Eu não deveria sentir-me agradecido apesar de tudo? Por acaso era tão evidente que eu encontraria o caminho até aqui? Não poderia o "banimento" [exílio] de um lado juntamente com a rejeição deste, terem-me esmagado na fronteira? O poder do meu pai não é tal que nada (eu não, com certeza) poderia opor-se ao seu decreto?

E sua escrita nessa anotação vai ganhando formalmente o desenho de um labirinto errático:

> De fato, é como fazer uma peregrinação ao deserto ao contrário, aproximando-me continuamente do deserto e alimentando experiências infantis (sobretudo no que concerne às mulheres) de que "talvez me encontre afinal em Canaã", quando já faz muito tempo que estou no deserto, e essas esperanças são apenas miragens do desespero, sobretudo nesta altura em que, mesmo no deserto, sou a mais miserável das criaturas e Canaã se me parece como a única Terra Prometida, já que não existe para os homens uma terceira terra.*(Diarios*, 28/01/1922, Emecé, p. 393-394).

Não há em Kafka uma tentativa de construir um mundo novo. Sua errância busca muito mais um terceiro caminho, uma terceira região. Um lugar outro para ele é muito mais uma mudança de posição. Um banquinho, um tripé que o sustente, uma lei que o estabilize, sem que seja aquela espera que o condena a ficar diante da Lei do Outro. Dito por ele mesmo:

> "Estabilidade. Não quero evoluir em um determinado sentido, quero mudar de lugar; isto, na verdade, é aquele 'desejo de ir para outro planeta'; bastaria que eu pudesse existir perto de mim, bastaria poder considerar o lugar onde me encontro como outro lugar." (KAFKA. *Diarios*, 24/01/1922, Emecé, p. 391.)

Não parece haver em Kafka perspectiva de vida em um novo mundo imaginário, ficcional, como para ele também só há uma "terceira região", constantemente criada, nunca assegurada, que bem pode ser o que ele expressa como "mudar de lugar para existir perto de mim". A única garantia e certeza é que há o limbo, a condição zumbi, pavor maior, mas que não deixa de ser também um

posto de resistência, um adiamento processual da sentença até o infinito, em uma espécie de chão do qual não se passa, por mais que não se avance. Lugar onde há sempre a possibilidade de interromper a tortura de uma vida inviável e recomeçar; começar tudo de novo. Em Kafka, o negativo sempre pode ser positivo e vice-versa: polianismo radical.

A escrita interrompida, o impasse na vida, restar inacabado, continuar no infinito

Kafka ficava muitas vezes paralisado ou à deriva em seus escritos. Tem uma boa ideia inicial, mas não sabe bem como continuar e, mais difícil ainda, concluir. Apesar de esse traço ser muitas vezes criticado pelos comentaristas de sua obra, revelado no inacabamento, no *pathos* dos obstáculos intermináveis, na infinitização do movimento, isso é, ao mesmo tempo, a grande marca que se imprime em seus textos e em sua vida, não sendo, necessariamente, traço negativo. Sabemos que toda grande arte é inacabada e é por isso que ela não se esgota e continua transmitindo indestrutivelmente o impacto do desejo que a criou. "Em nenhuma obra de Kafka a aura da ideia infinita desaparece no crepúsculo, em nenhuma obra se esclarece o horizonte." (ADORNO. Anotações sobre Kafka. *In*: ADORNO. *Prismas*, p. 240). Como escrevia Beckett, "Não é possível continuar, é preciso continuar..." Kafka descobre no fracasso a continuidade, a metonímia

em fuga. "O inacabado não se reduz então ao fragmentado, mas pede o ilimitado." (DELEUZE / GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 107). Como diz Blanchot, dessa maneira Kafka, "o homem do exílio é obrigado a fazer do erro um meio de verdade, e daquilo que o engana indefinidamente a possibilidade última de apreender o infinito." (Kafka e a exigência da obra. *In*: BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 76).

Lembramos que, na clínica, conduzir o sujeito ao real de sua verdade, não vai sem o entregar-se à errância da associação livre, tarefa da prática analisante. Uma psicanálise se inicia com a aceitação de um convite ao erro.

Mas há nuances na errância e no inacabado de Kafka. O que muitas vezes o acompanha no interminável é o medo, e este, aliado à loucura, à culpa, aos fantasmas, ameaça a obra; pode fazer o escritor desistir da pena:

> Medo (*Angst*) de acabar uma crítica para o *Diário* de Praga (*PragerTagblatt*). Este medo (*Angst*) de escrever se materializa sempre que, sem eu estar sentado à secretária, formulo frases para o que vou escrever, as quais se verifica imediatamente serem erradas, secas, quebradas antes do fim, e apontam com os seus fragmentos salientes [arestas] para um triste futuro. (KAFKA. *Diários*, 16/12/1911, Difel, p. 123.)

A fixação "como se" em um modelo de homem não só não lhe servia, mas era tudo que Kafka criticava. Então lhe resta esperar, errar, ansiar, retomar e repetir, em sua *esperrânsia* infinita: "Durante a viagem tomei notas

em outro caderno. Comecei alguns trabalhos fracassados. Mas não me dou por vencido, apesar da insônia, as dores de cabeça, e minha incapacidade geral. São minhas últimas forças vitais decididas a um esforço conjunto." (KAFKA. *Diarios*, 29/07/1914, Emecé, p. 285).

Os não poucos impasses sempre ameaçavam interromper e mesmo acabar com a escrita de Kafka, mas ele soube mantê-la em um lugar de impasse sempre reaberto em recomeço: resistência e insistência que acabam conduzindo Kafka, não tolo que erra, sempre e de novo ao ato de escrita que é, por fim, ato de separação.

> Se fôssemos por um caminho correto, renunciar seria o desespero sem limites, mas já que vamos por um caminho que só nos conduz a outro e este a um terceiro e assim sucessivamente; já que a verdadeira via não surgirá antes de muito tempo, e talvez nunca, já que consequentemente estamos entregues totalmente à incerteza, mas também a uma diversidade inconcebivelmente bela, a realização dessas esperanças segue sendo o milagre sempre inesperado, mas em compensação sempre possível. (Kafka *apud* BLANCHOT. La última palabra. *In*: BLANCHOT. *De Kafka a Kafka*, p. 267).

No último ano de sua vida, no esforço hercúleo de um ato arrancado de todas as angústias, abriu-se lhe a terceira via e o desejo encontra seu pouso. Mas esta é uma outra história...

Résumé: L'écrivain Franz Kafka laisse dans son oeuvre le témoin d'un double exil sans sortie, ce qui lui semble une troisième voie: selon lui, non seulement il n'y a pas de place dans le monde, comme aussi il ne vit que hors de lui-même. Cependant, dans le limbe errant de son écriture, enregistrée dans ses fictions, ses journaux et ses correspondances, il continue à construire un chemin de résistance, lequel en visant la mort le conduit à l'encontre de destins inatendus.

Mots-clé: Exil. Errance. Écriture. Mort. Infini.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. Anotações sobre Kafka (1953). *In*: ADORNO, Theodor. *Prismas*: crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 1998.p. 239-270.

ANDRADE, Oswald. Pau-Brasil. São Paulo: editora Globo, 1991.

BLANCHOT, Maurice. *De Kafka a Kafka*. Tradução Jorge Ferreiro. México: Fondo de Cultura Econômica, 1991.

BLANCHOT, Maurice. Kafka e a exigência da obra. *In*: BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

KAFKA, Franz. *Diários*. Tradução Maria Adélia Silva Melo. Algés, Portugal: Difel, 2002.

KAFKA, Franz. *Diarios*: (1910-1923). Tradução J. R. Wilcock. Buenos Aires: Emecé, 1953.

KAFKA, Franz. *Tagebücher*: 1910-1923. Projekt Gutemberg-DE: Spiegel on line Kultur. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/162/1>. Acesso em: 19 fev. 2013.

KAFKA, Franz. *Cartas aos meus amigos*. Tradução Osvaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época, [s.d].

PAWEL, Ernest. *O pesadelo da razão*: uma biografia de Franz Kafka. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FUNÇÃO DE NOMINAÇÃO

Procura-se um nome

Rosana Scarponi Pinto[1]

Sumário: Este artigo busca referências sobre as possíveis articulações entre o nome próprio e o traço unário na constituição do sujeito, abordando nesse processo a nomeação e a nominação.

Palavras-chave: Nome próprio, identificação, traço unário, nomeação, nominação.

Uma mulher procura análise por estar em processo de separação conjugal. É grande a angústia que a acomete e também à filha. Apesar do vínculo devastador que existia quando o casal vivia junto, ela duvida muito de ter feito a coisa certa, ao se separar. Diz isso, referindo-se às dificuldades financeiras e emocionais que vive atualmente. Entretanto, chamou-me a atenção o fato dela repetir algumas vezes o que já falou para a advogada: "mesmo que eu não ganhe nada do que estou pedindo, não quero perder o meu nome atual".

1 Psicanalista. Membro da ATO - escola de psicanálise.

Relata que não tendo sido registrada pelo pai, tinha apenas o sobrenome da mãe. Fez questão, então, de acrescentar ao seu nome, o sobrenome inteiro do ex-marido (vindos da mãe e do pai dele). Conheceu o pai na infância, mas nunca o reconheceu como tal e com ele teve poucos encontros.

Diante de tantas situações que a analisante enfrenta pela própria sobrevivência e a de sua família, surpreendeu-me o fato do nome próprio aparecer numa escala tão privilegiada, como se o nome que adquiriu fosse também um item de sobrevivência.

Várias questões surgiram. Se a paciente foi nomeada pela mãe, o que procura, já que o pai de que trata a psicanálise é uma função e não a presença do pai em si?

No Seminário IX (1961/62), A Identificação, Lacan afirma que o nome é o ponto de amarra onde o sujeito se constitui. Diz que o nome próprio é encontrado no caminho da identificação do sujeito com o traço unário do Outro. Buscando fundamentos a este respeito, Lacan teve a surpresa de encontrar a função desse significante provavelmente no estado puro, sonoro. Diferente dos outros significantes cuja função é de representação, o nome próprio tem uma função distinta. Para demonstrar sua diferença Lacan refere-se à escrita e à decifração de uma língua. O nome próprio não se traduz, pois sua estrutura permanece a mesma, não importando a língua em que ele

se insere. Põe em evidência, portanto, uma dimensão da linguagem que não é a da comunicação e se aproxima da escrita, da letra.

O conceito de traço unário foi introduzido por Lacan, a partir da noção freudiana de identificação com um traço único e apoiando-se na linguística de Saussure. Segundo Freud (1921), quando o objeto é perdido, o investimento a ele dirigido é substituído por uma identificação que é parcial, limitada e conserva apenas um traço do objeto. Para Saussure, a língua é constituída de elementos, unidades que só valem pela pura diferença.

Ao invés de traço único, Lacan propõe traço unário, porque por um lado evoca a contagem e, por outro, a diferença. Identificado com o traço unário, o sujeito é um *um,* idêntico ao conjunto de todos os que passaram pela castração. Ao mesmo tempo ele adquiriu a capacidade de se distinguir dos outros, portando uma singularidade por um único traço, um traço qualquer, sem sentido; marca identificatória que demonstra que o sujeito é servo da linguagem.

Portanto, o traço unário não é apenas aquilo que subsiste do objeto, mas aquilo que o apagou, sendo nesse sentido a encarnação do significante fálico e sua imagem. Lacan vai designá-lo como aquilo que funda a essência do significante. O que esse traço carrega é um suposto encontro com o objeto (Lacan 24/01/62). A identificação ao

traço aponta para uma falta nesse desencontro inaugural que constitui o sujeito, o que vai ser desenvolvido por Lacan, no seminário 10, (1962/63) em torno do objeto *a*.

Com relação à constituição do sujeito, no seminário da identificação, Lacan se interroga o que há nesse ponto radical e arcaico na origem do inconsciente, que faz com que o sujeito se aproprie de sua fala, mas elide algo que não pode saber. O sujeito fala sem saber de que nome. O nome próprio não é um significante que representa o sujeito, mas índice do que há nele de impensável, de estranho e sinistro, daquilo que é dele, mas não passa pelo significante.

No seminário 11 (1964), nos capítulos que tratam da alienação e da separação, Lacan fala que ao mesmo tempo em que o sujeito se constitui por um lado, ele "morre" por outro. Traz a falta para o campo do sujeito e do Outro. A falta tem uma dupla inscrição. Por um lado ela advém do sujeito só poder se constituir num significante originário do Outro. Demarcado pela operação de alienação, o sujeito fica reduzido a uma falta de significante; o sujeito desejante se constitui pelo recalcamento originário, pela queda do significante primordial, S_1, reduzido a puro não-senso. Lacan reconhece aí o ponto de falha onde se dá a formação do inconsciente. O outro ponto de falha, intrínseco à operação de separação, decorre da perda do objeto primordial e a entrada no universo da linguagem. Assim sendo, não há

um significante nem no sujeito e nem no Outro que dê conta do ser, da mulher e da morte. A falta é condição de inscrição na linguagem. "...tudo o que ensino da estrutura do sujeito, tal como tentamos articular a partir da relação com o significante, converge para a emergência desses momentos de "fading" (evanescimento) propriamente ligados a essa batida em eclipse do que só aparece para desaparecer e reaparece para de novo desaparecer, o que é o distintivo do sujeito como tal" (Lacan 24/01/62).

A repetição surge, então, como repetição significante na hiância existente entre S1 e S2, articulação constantemente giratória do jogo da linguagem. Essa é uma tentativa de restabelecer a marca do encontro, pois, na verdade, não se trata da constituição de um eu-síntese e sim de um eu faltoso e tórico, em torno do qual giram a demanda e o desejo num circuito pulsional insistente na relação do sujeito com o objeto.

No último capítulo de RSI, vimos Lacan afirmar que a nomeação do nome próprio dada pelo pai simbólico é inconsistente e não basta para fazer a função de nominação que enoda RSI. O buraco do simbólico é estrutural e faz aparecer no enodamento, o Nome do Pai, onde se dá o sentido. Mas há que se ir além da identificação e do Édipo, para que uma nominação que toque o real se escreva, permitindo sair da impossível reciprocidade entre sujeito e objeto causa do desejo. Ir além, porque há uma falha do

nome para nomear o gozo, ficando um resto encarnado nos objetos do corpo, objeto *a*, apontando uma precariedade da estrutura.

Liliana Cazenave, em seu estudo sobre a nominação, ressalta que Lacan localiza o pai que faz a função de nominação no significante Um, marca significante investida de um gozo particular. Faz uma referência desse S1, inscrito no real, com o que Freud chamou de fixação; trata-se do Um disjunto do conjunto do Outro, exceção que o descompleta, pois está no nível do S(Ⱥ). Ali se realiza a captura de um gozo intraduzível, a junção entre o sentido e o real.

O estudo do uso do nome próprio permitiu a Lacan precisar a função de nominação. O nome próprio não significa, só refere. Faz aparecer um furo no sentido, o não-senso, já que a referência de um nome não está dada pelos traços que o singularizam, nem pelas suas propriedades identificatórias.

De qual nome a analisante fala e o que procura? Ela fala em nome de seu sintoma e procura um significante pleno. Mas, se é a falta a condição de inscrição para todo ser de linguagem e se insere até mesmo no nome do pai que sempre fracassa, há que se atravessar a ficção de sobreviver apenas por um nome recebido do Outro e ir além. Em torno do furo, o analista trabalha visando à redução de sentido em direção à verdade do sujeito,

verdade não sabida, como o significante do nome próprio. Tal percurso permite localizar o ponto de gozo particular do sujeito, possibilitando uma contenção e uma amarração para a angústia livre do sintoma.

A análise poderá possibilitar o atravessamento do "nome-fantasia" e a legitimação do seu nome próprio: incompleto, sem sentido, estranho, "fora de série", excluído. Nesse percurso em torno do furo, um enodamento poderá se escrever, construindo uma suplência que a possibilite suportar o limite da metáfora, fazendo borda a letra de gozo; atravessamento que poderá causar efeitos no nome próprio, no corpo e na história da analisante.

Abstract: This article seeks references on possible links between the name and the unary trait in the constitution of the subject, addressing in the process the nomination and the nomination.

Key-words: First name, identification, unary trait, appointment, nomination.

Referências Bibliográficas

CAZENAVA, L. *Nominação* pág. 269-271. IN: VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise - AMPA Ordem Simbólica no Século XXI - *não é mais o que era. Quais as consequências para o tratamento?* Organizado pela EBP. Scilicet .Scriptum

CHEMAMA, R. *Dicionário de Psicanálise.*

FREUD, Sigmund. Vol. XVIII P*sicologia de Grupo e Análise do eu*, cap. VII

LACAN, J. livro 9 - *A Identificação.*

_____ livro10 - *A Angústia.*

_____ livro11 - *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*.

_____ RSI

VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise-AMPA Ordem Simbólica No Século XXI - *não é mais o que era. Quais as consequências para o tratamento?* Organizado pela EBP. Scilicet .Scriptum.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. *Le sinthom.* Ágora (Rio J.) vol.9 n.º1 Rio de Janeiro Jan./June 2006.

Traço que desenha a experiência psicanalítica

Ana Maria Fabrino Favato[1]

Sumário: O texto aborda questões da topologia do nó borromeu, considerado por Lacan como "aparelho pivô" de uma análise, cuja manipulação pode dar conta da operação analítica. Nesse sentido, convoca os analistas a sair da inibição, pois, com o nó faz-se a escrita de uma análise a partir do Real. O nó é uma forma de dar uma medida comum aos registros do Real, Simbólico e Imaginário. Para fazer nó, é preciso um buraco, e não importa quem faz o enodamento ou amarração, o real é que faz o movimento, marca a direção. Inibição, sintoma e angústia são formas de amarração, mas a trajetória de uma análise nos mostra que é preciso ir além.

Palavras-chave: Nó borromeano, escritura, nominação

1 Psicanalista. Membro da ATO - escola de psicanálise. Mestre em Psicologia pela UFMG.

O Seminário RSI é fundamental para a clínica psicanalítica e já na sua primeira lição Lacan chama atenção para as rodelas de barbante dizendo que os três termos do nó, real, simbólico e imaginário, são veiculadores de sentido. O nó é veiculador de sentido, mas de modo algum, serve de base para uma mensagem. A escrita do nó faz barra ao significado, estando o sentido relativizado. A ideia é dar provas da existência da cadeia borromeana como fundamento do pensamento e, sobretudo, do sentido, mas na sua relação com o inconsciente e o sintoma e não com a palavra. O que está em jogo vai além do sentido, vai além da metáfora e metonímia, vai além do Édipo.

Lacan com isso quer dar um passo a mais e sabe que ganhará algo, mas, à custa de outra coisa. Perde-se alguma coisa da elaboração sustentada na teoria dos discursos, pois os discursos são marcados pela debilidade ou sustentados pelo semblante, e se ganha com o que ele chama "aparelhos-pivô", cuja manipulação pode dar conta da operação analítica. O nó, portanto, não está no nível do discurso e sim da escritura, é uma escritura que suporta um real.

A debilidade é inevitável ao ser falante, o que resulta do sentido que o imaginário produz. Por isso Lacan convida os analistas a serem tolos ao operar com o nó, a usá-lo bestamente. Ele acrescenta "Não se deve entrar nesse assunto pela dúvida obsessiva, nem hesitar muito" (LACAN, 1974/1975, p. 10). "Os nós são a coisa para que o

espírito é o mais rebelde,(...) meter-se na prática dos nós é romper com a inibição", cito Lacan no texto de Aurélio Sousa, *A topologia do sujeito e sua errância* (SOUZA, 2014).

Com a cadeia borromeana, Lacan diz ter captado algo de fundamental: a entrada em jogo do traço que desenha a experiência analítica. Esse desenho faz consistir, faz existir aquilo com que se trabalha na prática da psicanálise. Trata-se de um lugar na estrutura de onde não se pode retirar-se. Lacan insiste, persevera e nos convida a sair da inibição, a usar as mãos e pés. (Idem, p. 04). É indispensável, portanto, que o analista seja dois. O analista para ter efeitos na intensão e o analista que esses efeitos teorizam na extensão.

O nó é uma forma de dar uma medida comum aos registros do Real, Simbólico e Imaginário. As três consistências tornam-se homeomorfas de modo que passam a ser tratadas de uma maneira conjunta. Homogeneizá-las foi o jeito de poder contá-las a partir do momento em que a conta começa a partir do três. O esforço do Seminário RSI é nomear, escrever, formular, criar as palavras que convêm para indicar a relação entre os três termos. Outras dimensões podem ser inventadas e chegar a quatro, mas a marca do três é uma necessidade do nó. O três é uma cifra necessária para colocar uma existência que não constitua imagem. Se há dois estamos no imaginário, com três estamos no Real.

A partir da propriedade da homogeneidade, Lacan vai inferir que a *cadeia borromeana* é ao mesmo tempo, um *buraco* (do simbólico) uma *consistência* (do imaginário) e uma *ex-sistência* (do real) e que, ao atuarem de maneira conjunta, adquirem o estatuto da própria estrutura para o sujeito. Ao homogeneizar Simbólico, Imaginário e Real, as consistências de cada um desses registros se equivalem. Eles se atam no nó de uma maneira que os põe estritamente um em relação com o outro, um em relação com os outros dois na mesma relação, sem hierarquias. No entanto, para fazer nó é preciso um buraco, e não importa quem faz o enodamento ou amarração, o real é que faz o movimento, marca a direção. Há apenas uma maneira para que o nó seja borromeano, dirá Lacan: a passagem do terceiro anel pelos outros dois anéis que se encontram separados. Esse enodamento permite distinguir a passagem do elemento essencial do nó: o buraco do terceiro anel. (LACAN, 1974/1975, p. 29).

O fato de haver o inconsciente e de haver um dizer, isso faz nó, portanto, diferente de fiarmos na palavra para fazer nó devemos nos fiar no Real. Para fazer nó, a indicação de sentido é dada pelo *referente* ou a *nominação índice* que ocupará junto com um dos registros o lugar de ex-sistência para os outros dois. A nominação é a única coisa de que estejamos certos de fazer buraco. Portanto, a INIBIÇÃO, como nominação Imaginária, será índice para o Simbólico e Real dos orifícios no corpo. A ANGÚSTIA,

como nominação Real, será índice para o Imaginário e Simbólico do que vem da não relação. Por fim, o SINTOMA, nominação Simbólica, será *índice* para o Real e o Imaginário do recalque originário.

O que isso representa em termos de amarração borromeana? Se o nó borromeano é o traço que desenha a experiência de uma análise, aquilo que está disjunto ou apenas sobreposto originalmente é preciso que seja enodado. É sempre em três suportes subjetivos e pessoais que o nó vai se apoiar, dando estrutura ao sujeito. Se o nó sustenta e consiste é porque o imaginário não é só pura imaginação e o simbólico não é só blá, blá, blá. Há uma ex-sistência, um buraco para cada um dos termos e é essa ex-sistência que responde ao Real. (LACAN, 1974-1975, p.35).

A triplicidade da cadeia já faz quatro e, no dizer de Lacan, Freud tentou enodar o nó de quatro termos com a realidade psíquica ou o Complexo de Édipo e não com o real. Não que devamos rejeitar o Complexo de Édipo, ele é essencial, contudo, quando ele fala que os três termos do nó são veiculadores de sentido, esses sentidos se referem ao real pelo qual cada um responde. A trajetória de uma análise nos mostra que permanecer no Édipo é ficar dando voltas. O Édipo fornece uma consistência de borda, mas não de nó, por isso é preciso ir além.

A conjugação do Simbólico, do Imaginário e do Real se mantém pela função do Pai ou pelo que Lacan chamou "Os Nomes do Pai". Partindo de uma

disjunção concebida como originária dos três registros, a consistência dos "Nomes do Pai" reflete o que é da função de enodamento, que só começa no número três. Haveria, portanto, pela falha estrutural da linguagem por que passa todo ser falante, uma disjunção original dos três registros que, pelo corpo, vida e morte, se enlaçam de variadas formas e só enodam como cadeia borromeana como pura consistência de nó na experiência de uma análise.

Lacan diz que não é fácil figurar o nó (Idem, p.50), pois aí está o sujeito determinado pelos cruzamentos e pelos pontos triplos de estreitamento. Deixar a inibição, cair na angústia e construir o sintoma, não necessariamente nesta ordem, significa passar pela não-relação, pela falta de significante no Outro e pelo Real, e isso é a escrita de uma análise.

Sommaire: Le texte aborde les questions de la topologie du nœud borroméen, considéré par Lacan comme 'unité de pivot' d'une analyse , dont la manipulation peut rendre compte de l'opération de l'analyse. En ce sens, il invite les analystes à quitter leur inhibition car, avec le noeud, l'écriture d'une analyse est faite à partir du Réel. Le noeud est une façon de donner une mesure commune aux registres du Réel, du symbolique ainsi que de l'imaginaire. Pour former un noeud il faut un trou et peut importe qui va le former ou l' amarrer, c'est le réel qui fait le mouvement et qui donne la direction. Inhibition, symptôme et angoisse sont

des formes de nouages mais la trajectoire d'une analyse nous montre qu'il faut aller au-delà .

Mots-clés: Nœud borroméen, écriture, la nomination

Referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1974-1975). *O seminário RSI.*

LAFONT-GRANNON, J. *A topologia de Jacques Lacan.* Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

RODRIGUES, Gilda Vaz. *Cortes e suturas na operação psicanalítica.* Belo Horizonte: Ophicina, 2013.

SOUSA, Aurélio. *A topologia do sujeito e sua errância* (2014). Disponível em: www.docslide.com.br. Acesso em: 30/06/2015.

Nominação como efeito do pai real

Viviane Gambogi Cardoso[1]

Sumário: A autora interroga a função do pai real, o pai nomeante, fazendo uma articulação com a função de nominação no nó borromeano elaborada por Lacan no seminário RSI. Além disso, aborda a função de nominação e do pai real na Escola.

Palavras-chave: nominação, pai real, nó borromeano, inibição, sintoma, angústia, escola.

> "O que se herda é a falta de um significante no campo do Outro, poder-se-ia mesmo dizer: o que se herda é o inconsciente" (RODRIGUES, 2007, p.128).

Este trabalho é produto de um estudo em cartel sobre a nominação, tema de nossos estudos na ATO - escola de psicanálise em 2014.

Tanto a clínica quanto a Escola aparecem como mola propulsora para pensar este tema que nos exige um estudo bastante apurado do Seminário RSI de Lacan.

1 Psicanalista. Membro da ATO - escola de psicanálise.

Uma questão tem me intrigado neste percurso: a do pai nomeante. Quem é ele? O que ele nomeia? Para quê? E qual a função da nominação na transmissão de uma escola de psicanálise?

O trabalho de escola nos coloca diante do real assim como na clínica e exige um mais além do simbólico e do imaginário, sem no entanto prescindir deles.

O ensino de Lacan ao longo do tempo oscilou em privilegiar um dos registros- real, simbólico, imaginário- sobre outro. "O nó borromeano é a estrutura que Lacan 'esperava' desde o início de seu ensinamento, para articular os três 'registros essenciais da realidade humana...'" (NAWAWI, 2007, p. 119). Com a escrita do nó borromeano, ele homogeiniza R S I, dizendo que em cada elo há real, simbólico e imaginário. Ele relaciona simbólico ao buraco, imaginário à consistência e real à ex-sistência. E diz que "o real cabe nesses três termos" (LACAN, 1975, p.65).

Segundo Gilda Rodrigues, com a topologia dos nós "estamos diante de um recurso que permite amarrar a estrutura num mais além das relações duais sustentadas no eixo aa', e mais além da estrutura fantasmática" (RODRIGUES, 2013, p. 111).

Mais além, além da linguagem, além do inconsciente, além da estrutura edipiana e fantasmática que constituem do sujeito, lugar do real, pura pulsão, da qual não se pode fugir.

Ao enunciar mais um vez, na lição de 15 de abril de 1975, a propriedade do nó, de que basta um de

seus elementos romper para que todos os outros fiquem igualmente desatados, Lacan reforça esse mais além do par, das relações duais, ou seja, a não relação sexual.

O nó não é um modelo, pois não se faz com o imaginário, nem com a representação, mas justamente com o que escapa a uma representação. O nó, diz Lacan, é o suporte. Com os três se faz mais um. Essa é a estrutura do cartel: "...um cartel parte de três mais uma pessoa, coisa que em princípio, faz quatro, e que dei como máximo cinco, graças a que, faz seis" (LACAN, 1975, p.64).

Lacan diz que o ponto de partida para qualquer nó se constitui na não-relação sexual como buraco. Não dois, pelo menos três, e isso já faz quatro. Donde sua expressão mais-uma. E será retirando uma, real, que o grupo se desata.

Essa função que descompleta e que ao mesmo tempo faz suplência, ou seja, é uma a mais, é a estrutura de uma escola de psicanálise, seu suporte de transmissão, e permite que o discurso analítico veicule a falta como causa, limitando o saber todo, esburacando-o. E o que dá conta desse discurso é o nó. Nó que parte da não relação para fazer laços, que se atam e desatam.

Lacan evoca a tríade freudiana - inibição, sintoma e angústia - para falar de tipos de amarração, que se desprendem respectivamente do imaginário, do simbólico e do real, descortinando o campo da ex-sistência e ao mesmo tempo fazendo emergir os Nomes do Pai.

Lacan, neste momento, pluraliza o Nome do Pai para dizer da inconsistência do pai. O pai simbólico, que faz metáfora e barra o desejo da mãe introduz o sujeito na ordem simbólica. No entanto, algo se perde nessa operação simbólica, de substituição e fica fora da linguagem, impondo um limite ao saber do pai. O pai fica no campo da ex-sistência, ou seja, em um campo fora que não é um não-dentro.

No nó, os Nomes do Pai não estão apenas no buraco do simbólico. Os Nomes do Pai declinam-se em real, simbólico e imaginário. Eles não são apenas nomes introduzidos pela mãe, mas também fazem função de nominação, fazem uma escritura do real, do simbólico e do imaginário. "A nominação é a única coisa de que estejamos certos fazer buraco" (LACAN, 1975, p.65)

Lacan fala então de três nominações: no simbólico, no real e no imaginário. A nominação no simbólico se passa na forma do sintoma, como efeito do simbólico no real. No real, a nominação se faz por meio da angústia, que sinaliza e ao mesmo tempo delimita o campo do real avassalador, fazendo certa contenção no corpo. A nominação se faz também no imaginário como inibição, que impede o sujeito de se fazer representar no campo do Outro pela falta de um representante pulsional. Segundo Gilda Vaz Rodrigues, a inibição pode ser pensada também pelo conceito de Eu Ideal, que visa atingir uma imagem ideal de seu eu. A inibição barra o sujeito nessa busca e preserva a

identidade vazia do ser. Por isso ela é uma forma de nomear a falta no registro imaginário.

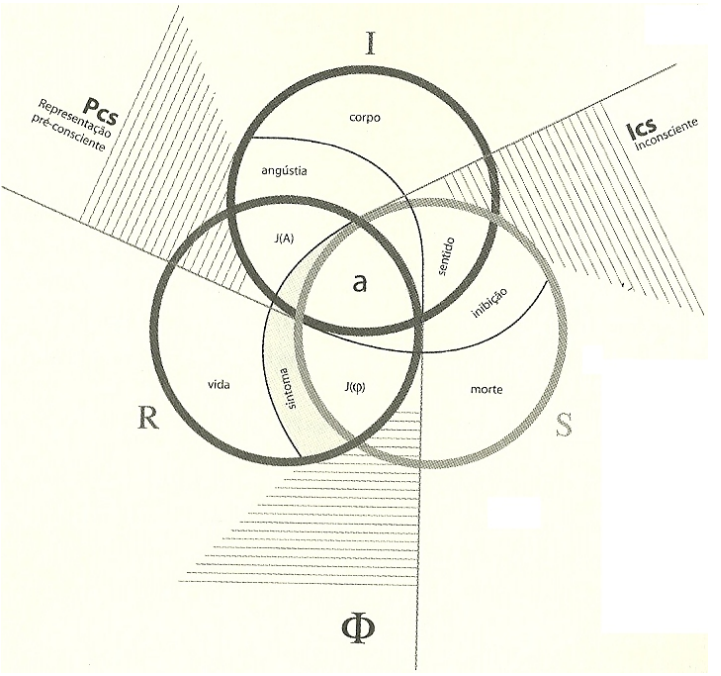
A função do Nome do pai na última lição do RSI não se reduz "ao estatuto de significante, na medida em que há algo na função paterna que não entra na ordem significante, que não é integrável ao simbólico" (RODRIGUES, 2013, p.129).

É o pai real. Um pai que n'homeia, que cria um nome para algo que passa então a ex-sistir. A nominação toca o real, por isso vai além, tem a ver com um ultrapassamento. Essa outra função do pai "permite ao sujeito tomar a palavra" (RODRIGUES, 2007, p. 114)...e fazer uso da riqueza de suas modalidades.

Como pensar a função de nominação e do pai real na Escola?

A Escola de psicanálise não é pura dispersão. Ela tem uma consistência imaginaria, simbólica e real assim como uma ex-sistência e um buraco que a fazem funcionar borroneamente. Ela não é composta somente de analistas. Existem sujeitos que põem a escola em funcionamento promovendo a circulação dos discursos. Sujeitos que concluíram ou estão com suas análises em andamento, e que são atravessados por seus sintomas, inibições e angústias. Nos momentos de crise ou a cada impasse que se experimenta em um Escola, essas formas de laços, de nominações, entram em jogo para tentar lidar com o real que assola. Há que se promover um ultrapassamento, ir

além dos significantes do pai que ditam as regras ou se fundamentam em um estatuto. Podemos dizer que seria fazer uma escrita do nó a cada momento de dispersão, de desenodamento, provocando um avanço e uma abertura para o inconsciente (Ics), para a falta do significante no Outro (S(Ⱥ) Pcs) e para o vazio do falo (Φ). Podemos visualizar isto no desenho do nó borromeano nas aberturas ao infinito de cada uma das cordas.



Uma escola se sustenta pela articulação de RSI. O quarto termo é introduzido pelo pai real que faz suplência e permite esse ir além de uma instituição

burocrática. Assim como o nó, a Escola é feita de buracos, tem uma consistência e uma ex-sistência. O trabalho de escola consiste em lidar com esses campos de ausência, de vazio, em um tratamento do real pelo real. "Se há um Outro real, não está senão no próprio nó e é por isso que não há Outro do Outro" (LACAN, 1975, p. 53).

Abstract: The author questions the function of the real father, the nominating father, making a connection with the nomination function in the Borromean knot developed by Lacan in RSI Seminary. Also, try to think the nomination function and the real father at school.

Keywords: nomination, real father, Borromean knot, inhibition, symptom, anguish, school.

Referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *RSI.* Seminário inédito.

NAWAWI, Charles. *O que o nó permite escrever? Transfinitos*. Colóquio A escrita na psicanálise. Belo Horizonte, ano 6, n.6, 2007.

RODRIGUES, Gilda Vaz. *Cortes e suturas na operação psicanalítica*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2013.

RODRIGUES, Gilda Vaz. *Percursos na transmissão da psicanálise*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2007.

Nominação e o Nome-do-Pai

Rosangela Gazzi Macedo[1]

Resumo: O trabalho traça um caminho das formulações freudianas sobre a função paterna até as articulações de Lacan do pai no nó borromeano. A introdução dos Nomes-do-Pai no nó traz consequências clínicas e provoca efeitos nas instituições psicanalíticas porque introduz o não-todo, no qual o real cobra seu lugar na estrutura. A autora aponta que a nominação advinda do passe e o Nome-do-Pai no nó trazem um ponto de real a ser transmitido para além do nome próprio.

Palavras-chave: Função paterna, Nó borromeano, Nominaçao, Passe, Real.

Pretendo neste trabalho traçar um caminho do Nome-do-pai à função de nominação. Inicialmente farei algumas pontuações sobre a função paterna e do que dela deve cair.

Freud, ao longo de sua obra, nos fornece elementos para pensarmos o pai como uma função, um or-

1 Psicanalista de Belo Horizonte.

ganizador na economia psíquica do sujeito. Encontramos vários momentos em que a questão sobre o pai é formalizada: do pai edipiano da tragédia ao complexo de totem e tabu; do pai primordial imaginário ao pai morto, que instaura o simbólico; do pai como lei ao pai do sintoma na escrita em Moisés.

Lacan extrai dessas formulações freudianas a articulação do Pai Imaginário, Pai Simbólico e Pai Real. O pai da horda aparece como o pai imaginário, um pai que cria a lei, mas paradoxalmente faz exceção a ela. O pai morto se converte em pai simbólico, um pai que introduz os filhos no campo da lei, conduzindo-os a encontrar seu próprio lugar no núcleo familiar. E as limitações, marcadas pela contingência, trazem o pai real como castração. A função paterna surge como um organizador da pulsão, como uma necessidade lógica.

Lacan, então, circunscreve o complexo de Édipo na metáfora paterna, em que a inscrição do Nome-do-Pai vem nomear o desejo da mãe. É por meio da palavra que surge o sujeito, e este só vai advir quando houver a entrada do primeiro significante, que é o Nome-do-Pai. Ele é o significante mestre que vai barrar o desejo da mãe pela criança e vai substituir essa falta, a hiância deixada em ambos. Como ele entra num lugar de substituição, vai ser também chamado de metáfora paterna.

A função paterna abre a via de uma nova significação para presença e ausência da mãe, introduzindo-

se com ela o simbólico, a partir de sua inscrição. Faz-se, com isso, um buraco na relação entre a mãe e o filho, quando orienta o sentido do desejo dessa mãe para outro lugar que não somente para a criança. A metáfora paterna funciona bem, quando ainda o pai faz de sua mulher a causa de seu desejo, dividindo-a em mãe e mulher. A castração, por conseguinte, seria colocada no lugar dessa divisão para o filho.

No entanto, a metáfora paterna não é suficiente para barrar o gozo. Há algo no pai que é metonímia. Então, por ser metonímico, não teremos mais o pai universal, o pai edípico, mas sim os Nomes-do-Pai, particularizando em cada sujeito os traços que o inscrevem numa lei. Assim, o pai não é só interdição: o pai goza e, por isso, ele falha, e ai residem a chance de uma transmissão, a transmissão da castração, possibilitando que, mais além do Édipo, o pai real surja como um operador estrutural que interdita o gozo, sinal do impossível.

Podemos ver que do mito à estrutura, Lacan reconhece no mito um ramo da linguística, dizendo-nos que a castração é a operação real introduzida pela incidência do significante. Ela determina o pai como esse real impossível, um lugar vazio, marcado por uma morte no início, caracterizado pela verdade da castração. O que é nomeado no pai é sua capacidade de transmitir um poder nomeador que se transmite de pai para filho sem pertencer a ninguém.

A partir dessas formulações Lacan consegue tratar a figura do pai nas três categorias de imaginário, simbólico e real, e reinventa Freud com a topologia nodal. É um pai no nó, 'nó-meador', um operador na clínica, que faz amarração em torno do nada e traz esse nada como falta. Introduzir os nomes do pai no nó traz consequências tanto para a clínica quanto para as instituições psicanalíticas porque introduz o não-todo, onde o real cobra seu lugar na estrutura.

Podemos pensar que é nesse ponto, a partir do pai no nó, 'nó-meador' como um operador na clínica que podemos fazer uma articulação com o dispositivo do passe e a nominação.

O passe, ao propor extrair um dito do sujeito, fora da transferência, um dito que não se endereça a mais ninguém, um 'des-ser' que atinge o analista como tal, obriga uma retomada do real como parte do inconsciente que não se pode ler e a encontrar uma escritura que possa escrevê-lo. Tentar escrever o real do buraco, esse ponto de falta de saber é uma possibilidade de fazer uma amarração do real na clínica. Tarefa difícil, pois sabemos que o real provoca "o seu próprio desconhecimento", mas há um ponto de real que deve ser transmitido, que é o inassimilável da própria experiência.

Desde 1974, na carta aos italianos, Lacan fala de uma possível amarração do real na clínica. Ele diz que a Escola não terá existência a não ser pelo passe, escrevendo

que os ditos do passante são enodados ao dizer do passador, retomando uma escrita borromeana no passe.

O dispositivo do passe traz a possibilidade de construir um saber que se faça na Escola. Uma aposta em que, do dito, se depreende um dizer que lança alguma luz nos pontos opacos da análise do sujeito, como também do discurso que a determina e, com isso, contribuir ao avanço da psicanálise na medida em que o dizer possa repercutir em outros, provocando novas escritas.

A nominação advinda do passe, se é nominação do Real de onde o analista opera, ela é apenas uma marca, alguém terá dito que para essa pessoa, um dia, isso ficou decidido, passar a analista.

É quando a nominação evidencia a estrutura que o momento de concluir do dispositivo do passe é uma nominação.

Podemos ver que tanto nas versões do pai como no passe há um ponto de real a ser transmitido, há algo a ser transmitido para além do nome próprio. É a partir disso que há uma articulação entre os Nomes-do-Pai e o passe, é pela amarração do nó borromeano.

A clínica do passe coloca em evidência momentos de desfalecimento do Nome-do-Pai quando as consistências se desamarram. Há então uma suspensão do sentido, o que sustenta o saber não sabido no real.

A nominação não coloca em jogo o nome do passante, mas o implica num nome comum (AE). Isso

faz com que na separação entre o que funda um grupo e o que nomeia o passe traga a possibilidade de mudanças nas relações dos analistas com a psicanálise.

Solal Rabinovich (2000), em *Nominação e passe,* nos diz que seria preciso fabricar um grupo sem fundadores na antecipação possível de uma escola, para não ocorrer os mesmos riscos da escola de Lacan. O lugar vazio da fundação deve estar demarcado por nomes próprios, mas somente enquanto sustentam escritos em comum. Impõe-se, então, outro uso do pai senão aquele de dar nome. Longe de que um nome próprio faça exceção, longe de que ele sustente a exceção, é de um nome plural que ele poderá ex-sistir "da" escola.

Por isso, a importância na fundação da *Ato escola de psicanálise,* a queda das letras GREP, como vocês disseram, são letras desconexas. É preciso estar para além das identificações e das significações que o grupo encarna. O que resta são traços aos quais essas letras se reduzem. Podemos pensar que, fazendo outra escritura, é possível um saber que faça escola e que possa ser transmitido.

A questão do passe e da nominação para um grupo depende da maneira como ele trata a questão do pai.

Sendo assim, o passe e o desfalecimento do Nome-do-Pai colocam em evidência as consistências do nó que se desamarram. Lacan propõe na *Nota Italiana* que não há escola sem buraco. Seria, então, a nominação a possibilidade de fazer buraco no grupo?

Essas e outras questões me fazem continuar insistindo e acreditar que o saber analítico não dura, a não ser se ele se inventa e que algo de novo possa ser transmitido.

Abstract: This article describes the paternal role from Freud's formulations until Lacan's elaboration of the father using the Borromean knot. Introducing the names of the father on the knot bring clinical consequences and leads to effects on the psychoanalytical institutions as it introduces the total no, where the real demands its place in the structure. The author highlights that the nomination from the pass and the name of the father on the knot brings the real to be transmitted beyond the proper noun.

Keywords: Paternal role, Borromean knot, Nomination, Pass, Real.

Referências bibliográficas

LACAN, J. Ato de fundação (1971). In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 235-247. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Nota italiana (1973). In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 311-315. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

RABINOVITCH, S. *Nominação e passe*. Texto do grupo de trabalho sobre a nominação: Freddy Doussot, Annie Staricky, Annie Tardits. Tradução de Silvia G. Myssior. Belo Horizonte, 30 maio 2000. Inédito.

REVISTA da Escola Letra Freudiana: *Do Pai, o limite em psicanálise*, Rio de Janeiro, ano XVI, n.º 21, 1997.

REVISTA *Littoral*: Do pai. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

SENNA, A.; BAR, C.; GOMES, M. G.; GUILHON, M.; KUPFERBERG, M. O pai na psicanálise. *Revista Primórdios-CPRJ,* 1(1), 91-116, 2010.

Por um triz

Maria Luiza Bassi[1]

> "Vivo no quase, no nunca e no sempre. Quase, quase - e por um triz escapo."
>
> Clarice Lispector

Sumário: Pretendemos, a partir desse trabalho, pensar o nó borromeano como uma possiblidade lógica de operação clínica. A direção da cura seria fazer com que esse nó seja borromeano a partir da função do três do real, terceiro anel passando pelo buraco próprio da estrutura. O desejo do analista, enquanto função, mantém em tensão o lugar vazio do *a*, sustentando uma superfície discursiva pela qual o corte será operado a partir do buraco, do furo próprio da estrutura, desenodando e enodando, amarrando e fazendo nó.

Palavras-chave: operação clínica – nó borromeano - consistência – furo – ex-sistência

Já no final de seu percurso clínico e teórico, Freud escreve um texto intrigante: Análise terminável e interminável, 1937. A impressão que fica é de um balanço,

1 Psicanalísta. Membro da ATO - escola de psicanálise.

acerto de contas que, no último capítulo, aponta para uma direção que viria orientar o futuro do trabalho analítico.

Trata-se de um texto, de certa forma pessimista quanto à eficácia terapêutica da psicanálise. Nele são tratados os passes e impasses do processo analítico no que tange às dificuldades do procedimento e dos obstáculos encontrados em seu percurso. Aponta três fatores que seriam decisivos para o sucesso ou não do tratamento – a influência dos traumas, a força constitucional das pulsões e as alterações do ego. Dentre esses, o fator impeditivo mais poderoso seria a força pulsional ou pulsão de morte, uma vez que estaria além de qualquer possibilidade de controle. Freud lança a questão: "*É possível, mediante a terapia analítica, livrar-se de um conflito entre a pulsão e o ego de modo permanente e definitivo?*" (FREUD, 1937, p. 256). No entanto, é sobre a questão das possibilidades de alteração do ego em uma análise que Freud avança nesse texto. Em escritos anteriores, as alterações do ego deveriam ser ocasionadas pelo analista mediante uma tentativa de tornar o inconsciente consciente ou de comunicar ao analisando suas resistências. No texto de 1937, Freud faz referência à anulação das alterações do ego já presentes como resultados do processo defensivo e se questiona de forma cética sobre o poder profilático da psicanálise.

> Partimos da questão de saber como podemos abreviar a duração inconvenientemente longa do tratamento analítico e, ainda com essa questão em mente, passamos a considerar

> se é possível conseguir uma cura permanente ou mesmo impedir uma doença futura através do tratamento profilático (FREUD, 1937, p. 267).

Parece-nos que nesse texto há uma referência a um processo de destituição subjetiva, no que ele diz "*remodelamento do ego*", que perpetua após o término de uma análise qualificando "*o indivíduo analisado para ser, ele próprio, analista*" (FREUD, 1937, p 283).

Freud conclui o artigo dizendo que o que se trata em uma análise é a posição do sujeito frente à castração. Aponta o repúdio à feminilidade como uma notável característica da vida psíquica dos seres humanos, como o grande enigma do sexo. Por meio de um processo analítico, o sujeito teria "*todo o incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele*". (FREUD, 1937, p. 287)

Esse texto de Freud nos aponta para um real em jogo na psicanálise que se apresenta na forma de impasses clínicos que nos demandam um novo manejo e uma reinvenção a cada pedacinho de real que surge na clínica.

Lacan, em RSI, nos oferece um trabalho eminentemente clínico fazendo referência a um trilhamento que concerne à sua prática e que diz de uma questão: "*o que implica que a psicanálise opere*?" (LACAN, 1974/75, p. 14). É nesse ponto que nos apresenta o nó borromeano como uma possiblidade lógica de operação clínica.

Logo no início desse seminário, ele dá o tom da conversa para aquele ano de seu ensino: iria tratar do real.

Define o nó partindo de três registros – Real, Simbólico, Imaginário – enodados entre si. Se um dos anéis se rompe, ficam livres todos os três. Cada anel comporta uma consistência, um furo e uma ex-sistência apresentando-se como a figura de um toro. O que Lacan nos propõe é que os três que ali estão enodados funcionem como pura consistência, sabendo-se ser apenas pela ligação entre si que eles consistem. Dessa forma, "*o nó pode ser escrito, pois ele é uma escritura. Uma escritura que suporta um real*", fazendo uma mostração de uma experiência analítica, "*pois é disso que ele dá conta e é nisso que está o seu valor*". (LACAN, 1974/75,p.11).

A possibilidade de enodamento se dá pela presença "*desses buracos, no coração de cada uma dessas rodelas, pois sem esse buraco, não seria nem pensável que alguma coisa se atasse*" (LACAN,1974/75,p.11). Freud nos apresentou o furo como *Urverdrangt,* recalque originário, por onde o inconsciente nos mostra sua dimensão de buraco, de intervalo entre um significante e outro. Os buracos são produzidos pela castração simbólica operada pelo corte que reduz o sentido. O campo da ex-sistência se define ao apagar todo o sentido, indicando algo que está fora. Estamos diante de uma estrutura esburacada, marcada pela falta nos três registros, furos ou buracos que se atam e desatam marcando a possibilidade de um trabalho em análise.

O que Lacan nos propõe é uma possibilidade de operação clínica que vai além do Édipo, das identificações, das fixações neuróticas. Questiona os limites da metáfora e da metonímia. Em uma cadeia, qual seria o máximo permitido da substituição de um significante pelo outro? Haveria uma infinitização de gozo já apontada por Freud no texto de 1937? Qual a maneira de operar com algo que não cessa de se escrever, que diz de uma impossibilidade?

Na lição de 11/02/1975, Lacan nos lança a questão da interpretação analítica que estaria bem mais longe que a palavra produzindo um efeito de sentido que não é o sentido. O trabalho a ser feito, a partir do discurso do analista, seria de isolar a categoria do significante extraindo-se dai um sentido isolável que não seria imaginário nem simbólico, mas da ordem do real. Nesse ponto preciso do ato analítico surge um efeito de fascinação, produto da extração do objeto *a* causa de desejo. Por um triz, o *a* como vazio, como falta, aciona a divisão do sujeito, promovendo um furo como mostração do inconsciente real. O que se exige do discurso analítico é tentar delimitar ao máximo o que pode ser o real de um efeito de sentido para que **o dizer faça nó**. A direção da cura seria fazer com que esse nó seja borromeano a partir da função do três do real, terceiro anel passando pelo buraco próprio da estrutura. O neurótico tenta fazer o laço a dois segundo o modelo do nó olímpico. Três é o enodamento borromeano, ele já é uma solução que opera como suplência à relação de dois que não há.

> "Em toda cadeia borromeana têm aí o um e o dois, após o que haverá aqui um terceiro círculo que fará anel" (LACAN, 1974/75, p. 69).

O desejo do analista, enquanto função, mantém em tensão o lugar vazio do *a*, sustentando uma superfície discursiva pela qual o corte será operado a partir do buraco, do furo próprio da estrutura, desenodando e enodando, amarrando e fazendo nó.

Lacan, ainda na lição de 11/02/1975, diz da exigência de fazer um nó, não com três mas com quatro e nos apresenta a figura de um quarto toro que teria a função de manter juntas essas três consistências – RSI – demonstrando que ao enodá-las fica suposto que elas são desatáveis. Esse +1 que enoda as três consistências seria para Freud a realidade psíquica advinda do Complexo de Édipo. Sendo assim, não se trata de desfazer do Complexo de Édipo mas fazer uso dele para ir além, a partir de novas formas de enodamento, quando o Real se sobrepõe ao Simbólico, realizando assim o nó borromeano.

Abstract: With the present work we intend to think of the borromean knot as a logical possibility for clinical operation. The cure direction would be to make a knot borromean from the function of the "três do real", third ring passing through the hole that belongs to the structure itself . The analyst desire, as a function, keeps in tension the empty space of "a", sustaining a discursive surface

in which the cut will be operated from the hole that belongs to the structure itself, unknoting and knoting, tying and making a not.

Key-words: clinical operation - Borromean knot - consistency - hole - former resistance

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol XVIII, p. 13- 85. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *Análise terminável e interminável* (1937). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol XXIII, p. 239-247. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, Jacques. *O seminário, RSI* (1974-1975). Inédito

Nó e letra

Sergio Becker[1]

Resumo: Estamos no trabalho do inconsciente. A proposição ao psicanalista de topologizar a experiência sustenta-se na leitura do texto de Freud *ipsis litteris*. Freud pontua os três registros permitindo uma escrita borromeana. Orienta-nos na economia que permite enodar o falo (real, simbólico e imaginário) e a castração. Inventa o corte que enoda.

Palavras-chave: real, simbólico, imaginário, inibição, amarração, sintoma, inconsciente, angústia, castração.

> *Quando o peregrino canta na obscuridade desmente sua angústia, mas nem por isso enxerga mais claro.* (FREUD, 1948, p.123)

O trabalho de leitura que Lacan promove no seminário R.S.I, escrevendo inibição, sintoma e angústia com o nó borromeano deve ser seguido passo a passo. Essa

1 Psicanalista. Membro da Escola Letra Freudiana.

operação de escrita, própria do dispositivo do discurso do analista, permite emergir na estrutura um lugar onde o gozo se articula em falta: o objeto *a*.

O trabalho do inconsciente enoda inibição, sintoma e angústia implicados no dizer do analisante. Não surgem enodados no discurso a não ser dois a dois apontando o que escapa na inacessibilidade do dois. A expectativa angustiosa do sintoma, a inibição sintomática, o sintoma inibitório são signos de que há um real em jogo.

Freud demonstra essa impossibilidade na decadência necessária do Complexo de Édipo, quando dois não faz um e sim zero, para que três seja possível. Na disjunção entre identificação e sexuação, a ex-sistência faz corte à inexistência e faz do zero um que falta.

"Que o Um, único, se faça condutor, leader, só mostra a impossibilidade de fazer dois, isto é, de estabelecer na linguagem a relação sexual. Freud assinalara que uma massa funciona com a exclusão de tudo aquilo que presentifica a diferença, em particular, a mulher" (VIDAL, 2009).

A escrita borromeana permite fazer letra do gozo. É o que se lê de saída no instante de ver o nó: temos um nó de letras. Desse modo, Lacan nos introduz na escrita freudiana da diferença dos registros e da exceção, essencial para a consistência do nó.

Freud em Inibição, sintoma e angústia diz que se deve delimitar a fronteira (*abzugrenzen*) entre os registros

e insiste na condição (*Bedingung*) da diferenciação (*Entscheidung*).

Freud orienta-nos na economia que permite enodar o falo (real, simbólico e imaginário) e a castração. Com a primazia do falo ele traz a sexualidade para a dimensão do discurso como sexuação. Parte-se da sexualidade infantil para, na construção em análise da organização genital, pensarmos o falo como letra ao menos uma vez na operação analítica:

"A criança permanece daí em diante enlaçada aos pais, mas com pulsões que devem ser chamadas de "alvo inibido" (*»zielgehemmte«)* (FREUD, p.91)."

O nó se lança a escrever no lugar "em que o falo assume na ocasião função significante, função de objeto perdido" (LACAN, 2007, pg.52). Elemento causal, o objeto a está no mesmo lugar onde se revela essa singular ausência fálica, centro da experiência psicanalítica, a castração. Um ato analítico decidido engendra o acontecimento que é justamente a separação do objeto como letra. O falo é o significante suporte dessa escrita da falta que permite marcar o objeto perdido no lugar da causa de desejo. Algo do real se escreve no discurso do analista e um nó feito dessa escrita se ata. Nesta temporalidade singular entre falo e objeto perdido, o enodamento inibição, sintoma e angústia é possível com R.S.I. Assim, temos o nó da intensão feito no giro do discurso que cria o lugar do analisante. Traz

consigo ISR, o discurso da matemática, e não é sem ele que Freud escreve.

O discurso do analista introduz e suporta a lógica da sexuação, pois, para o sujeito "a sexualidade assume uma vez, uma única vez, a função da verdade. Depois de assumida ela a preserva" (LACAN, 2007, pg.52). O que está ao alcance é que a sexualidade faz furo no saber.

Os paradoxos do gozo apresentados por Freud indicam o traçado fundamental do nó. Freud, ao perseguir o enodamento, coloca à prova a inacessibilidade do dois com o complexo de Édipo e a psicologia do amor, mostrando a necessidade de três.

Essa amarração a três, quando um não é sem o outro e que só se desfaz se ao menos um desata, sustenta-se nesse tecido de vazio que é o nó. Com o nó, Lacan implica o analista na posição que lhe confere a estrutura: semblante do objeto *a*.

"O nó borromeano pode ser escrito, pois, ele é uma escritura. Uma escritura que suporta um real. Não há outra ideia sensível do real" (LACAN, p.8).

A inibição é um mínimo de amarração. Freud insistiu em estruturar o inconsciente como linguagem para a constituição do sujeito. Inibição é a própria condição da fala, efeito da falta de representante do sexo feminino e a morte, que abre a via da representação. A pulsão é inibida em seu alvo, pois, aponta em seu circuito ao menos um significante da falta. Constitutiva da cunhagem do real, é

necessária para que se fale e para pensarmos numa ordem de escrita.

A inibição é assunto de corpo, como diz Lacan, por fazer a borda na imagem do corpo. Dá um litoral ao corpo. Sintoma e angústia ao se enodarem na análise vem dar o suporte simbólico a uma falta real. Desde aí, o semblante de objeto a pode ser traçado e fazer-se dispositivo de um discurso.

A angústia não é sem objeto e demanda amarração, pois, vem do real. Portanto, com os termos freudianos amarrados no modo borromeano, Lacan estabelece o nó de nossa praxis, uma amarração necessária, possível e suficiente.

O que enoda inibição, sintoma e angústia, parte do mesmo 'inessencial' do sujeito suposto saber, escuta-se num significante qualquer - Sq, que determina esse sujeito e deve ser tomado pelo que significa: um que não se sabe. Um significante excluído do saber. Aparece quando o saber se esgota e o gozo transborda. Constitui-se assim a primeira volta da análise, quando os registros se superpõem na montagem do nó. A produção do dizer dá-se pelo avesso do sentido. Ao escutarmos a exigência de completude do gozo fálico, um ponto fora do sentido se sustenta na sessão. Algo do real que escapa ao sentido exige inscrição. Ao menos em um ponto o gozo sofre inibição: se existe um que diz não é o saber do analista.

Num sonho o analisante se vê de mãos algemadas com a chave na mão. Chave do sonho, ponto nodal à espera de amarração.

Da experiência psicanalítica se apreende que o gozo frente à consistência imaginária do corpo só pode ex-sistir. A ex-sistência surge pelo enodamento do sentido na direção do real, já que o real é o que falta ao sentido e o sujeito o que falta no real. Ele precisa inscrever-se. Não é sem o sentido e o corpo que se trata do gozo mas numa topologia onde ao menos uma letra do real escreve-se fora do sentido, essa escrita do real pode fazer o gozo fálico cessar. O que é simbolizado nessa escrita ex-siste no real, fora sentido, pois, o gozo na análise está ligado à produção da ex-sistência, tem função nodal.

Esse movimento é topológico, indica a possibilidade da escrita do nó e abre ao sujeito o tempo de compreender a necessidade de um corte no imaginário do Édipo. Um corte que enoda pela experiência da impossibilidade vivida no Édipo com a primazia do falo. Mostra que o falo imaginário funciona em toda parte menos onde é esperado: na fase fálica. Freud enoda dois a dois para demonstrar essa impossibilidade. Corte que enlaça, inaugurando a lógica de uma exclusão que faz furo. Em torno do furo falamos e o nó se escreve no trabalho de escuta de um dizer. A consistência do nó é a do furo e inscreve a essência do laço analítico: a não relação.

Assim, o nó vai se escrevendo na singularidade do discurso do analista, revirando o toro do neurótico, mostrando essa pura diferença entre demanda e desejo. O corte na superfície do toro abre um ponto de passagem para o enodamento.

Lemos no texto Inibição, sintoma e angústia a formulação freudiana em que se estrutura a escuta do analista: o trabalho de escuta da representação pré-consciente inibida, permite traçar com a formação do inconsciente uma escrita do sintoma. Na medida em que o nó amarra inibição e sintoma, escreve o vazio e, no mesmo ato, ata a angústia, pois, essa escrita faz borda ao gozo do Outro. A representação existe porque algo fez furo no Outro. Mostra que ao menos um falta, um que não se lê, pois escreve o vazio. Mas é letra.

Inconsciente e sintoma não se equivalem. O sintoma não é o inconsciente recalcado, é um aprisionamento de gozo, esclarece Vidal. No que o corpo ganha consistência o inconsciente emerge no trabalho em torsão ao sintoma. O inconsciente se traça para além do corpo e do sentido, é um significante inédito de lalangue.

De que temos medo? pergunta Lacan. De nosso corpo, responde. É o essencial na angústia. A angústia é um signo de algo no real, por isso sua sede é o eu. O eu é, antes de tudo, corporal, destino da pulsão, e por isso o nó é mental, é real. Sem a borda da angústia, o corpo é

invadido pelo gozo sem fim e a demanda pulsional é vivida como ameaça pelo eu. A angústia é uma borda, um litoral para o analista, que sabe que na angústia o corpo não está totalmente sob o gozo do Outro. A angústia é de castração, força que se escreva e Freud o faz com o falo simbólico. A angústia produz o entre dois, de um Outro ao outro, que Freud demonstra e faz necessária a escrita do terceiro, do falo como letra da não relação. É a função da castração, da qual Freud não abre mão, sustentada numa estrutura nodal.

O inconsciente se faz contar pelas formações, mas não comunica nada. Estrutura-se se servindo do analista para escrever. No discurso psicanalítico, desata e ata, trança e tece, faz nó de letra.

Abstract: We are in the work of the inconscious. The proposition to the psychoanalist of topologizing the experience suports itself on reading Freud's texts *ipsis litteris*. Freud points the three registers allowing a borromeanian scipture. Guides us in the economy that ties the *Phallus* (real, simbolic and imaginary) and castration. Invents the cut that ties.

Key words: real, simbolic, imaginary, inibition, tying, symptome, unconscious, anguish, castration.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. *Massenpyichologie und Ichanalyse. Cap. VIII, Verliebtheit um Hypnose*, op.cit, p.91

FREUD, Sigmund. *"Hemmung, Symptome und Angst" in Gesammelte Werke*, *Band* XIV, Frankfurt, Fischer, 1948, p. 123.

VIDAL E. Um dispositivo em que o real alcance o real, in *Revista da Escola Letra Freudiana*, n.40 , 2009, Sete Letras, Rio de Janeiro.

LACAN, Jacques. *Meu ensino*, Zahar, Rio de Janeiro, 2007, pg 52.

LACAN, Jacques. *RSI*, *inédito*, p. 8

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

As Normas de Publicação para as próximas edições da revista deverão estar de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), obedecendo à seguinte estrutura:

– **Título**

– **Nome do autor** – colocado logo abaixo do título, acrescido de nota de rodapé indicando profissão, créditos e instituição a que pertence.

– **Sumário** – deverá ser colocado antes do texto e não pode exceder a duzentas palavras.

– **Palavras-chave** – deverão ser localizadas logo abaixo do sumário.

– ***Abstract, Sommaire*** ou ***Resumen*** – deverá ser feita uma versão do Sumário em português, podendo ser para o inglês, francês ou espanhol (como indicado). A versão deve ser colocada depois do texto e antes das **Referências**.

– ***Keywords, Mots-clés*** ou ***Palabras-llaves*** – também das Palavras-chave deve ser feita uma versão, podendo ser em uma das línguas indicadas, e sua colocação deve ser logo abaixo do *Abstract*, *Sommaire* ou *Resumen*.

– **Referências** – deverão estar no final do trabalho e seguir as exigências da ABNT. Seguem alguns exemplos.

Para obras de Freud e Lacan:

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade (1926). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*, v. XX, p.79. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Para autores citados em Anotações pessoais:

ANOTAÇÕES do *Seminário Leituras de Freud*, coordenado por Sérgio Becker, BH, 2013.

Para obras publicadas em Revista:

PESTANA GOULART, Daniela. A realidade de devastação. In Mãe menina mulher – nomes do feminino. *Revista da Escola Letra Freudiana*. Ano XXXII, n. 45, 2013. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

Para filmes ou obras retiradas da internet:

ALMODÓVAR, Pedro. *A Flor do meu Segredo* (1995). Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Pedro Almodóvar. Disponível em: WWW.inter-filmes.com/filme_27405_AFlor.do.Meu.Segredo. Acesso em: 22 out./2014.

– As **citações diretas com até 3 (três) linhas** deverão ser aspadas, em itálico, e logo após devem trazer, dentro de parênteses, o sobrenome do autor em maiúsculas, data de publicação da obra e número da página.

Exemplo: A ideia de causa é *"de um exterior de antes de uma certa interiorização, que se situa em a, antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se na forma especular, em x, forma esta que introduz para ele a distinção entre o eu e o não eu"* (LACAN, 2005, p.115).

– As **citações diretas com mais de 3 (três) linhas** deverão ser recuadas, sem aspas e com corpo 10, sendo que logo depois devem ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor com letra maiúsculas, data de publicação da obra e número da página.

– A **citações indiretas** deverão ser sem aspas e sem itálico e deve ser informado logo após, dentro de parênteses, **apenas** o sobrenome do autor e a data de publicação da obra. Ex: (LACAN, 2003).

– As **notas de pé de página** deverão ser numeradas consecutivamente no texto e trazer informações de outra natureza que não seja bibliográfica.

ATO escola de psicanálise